

O
AMANHÃ
SERÁ...
(SEMPRE
LONGE
DEMAIS)

(Segunda Versão: para todos aqueles que acharam a primeira demasiado lamecha.)

Primeira parte

I

Tentem imaginar uma noite de tempestade, um temporal violento e assustador, daqueles que fazem até os mais bravos tremer de medo. Uma daquelas noites em que tudo o que queremos é estar em casa, aconchegados nos quentes e agasalhadores lençóis da nossa cama. Lá fora, na rua, olhando pelas vidraças, tudo o que se veria e sentia seriam a chuva violenta, o frio mortificante, o retumbar dos trovões... E o vento, terrível e assustador! O estranho uivo do vento que baloiça até quebrar as copas das árvores.

Imaginem agora que não se encontravam em casa, mas sim num parque, num jardim municipal, com toda aquela báttega de água a cair sobre vocês. Que tentam, desajeitadamente, correr, sair daquele perigoso local e, concretizar o incontrolável desejo de chegar a casa sã e salva. Mas, para culminar este horrífico cenário, imaginem então que, proveniente de algures da escuridão, ouvem um grito. Talvez um piar de coruja? Decerto que não. O estranho uivo de um cachorro abandonado? Não. Nenhum animal poderia, de maneira nenhuma, dar tão atemorizador grito. Era um brado humano, um clamor; alguém, talvez aterrorizado ou surpreso, gritava. De medo, de terror, de espanto... Como saber?

Resta-vos apenas imaginar que, era eu quem se encontrava nesse parque, sozinha, nessa noite chuvosa, ouvindo um grito que a mim, se assemelhava a algo vindo do outro mundo, irreal. Tinha então duas alternativas. Poderia voltar para trás e tentar socorrer tal voz, de alguém que poderia estar a necessitar de uma grande ajuda, ou continuar, atravessar o parque deserto, mesmo imaginando que poderia lá se encontrar algum demoníaco perseguidor...

Confesso agora que fui cobarde e extremamente egoísta, visto que somente me preocupei com a minha segurança, resolvendo não interferir, nem sequer envolver-me em apuros dos quais poderia não sair. Continuei assim a minha caminhada, sempre com aquele estranho grito a ecoar no meu pensamento. Não conseguia, ainda hoje não consigo, deixar de ter um peso na consciência, pois penso que poderia ter tomado qualquer outra atitude.

Quando, finalmente, saí do parque, a chuva tinha já abrandado, pude então, reunir as últimas forças que me restavam, para correr de regresso a casa. Aí cheguei, pouco depois, esbaforida, como se à muito tempo não praticasse qualquer desporto.

Deitei-me no sofá; e ao olhar para o telefone, ocorreu-me de telefonar para a esquadra local, e explicar o que me ocorrera.

- Está? Polícia? Poderia participar um incidente?

- (...)

- Prefiro não me identificar por enquanto. Tudo o que posso lhe dizer agora, é que, à pouco, ao andar no parque quando vinha para casa, ouvi um estranho grito. Não sei o que aconteceu, mas talvez seja melhor verificarem.

- (...)

- Não, já disse, não precisam saber. Desculpe, mas estou ainda muito nervosa e preciso desligar.

Desliguei o telefone, agora com uma maior sensação de alívio – era menos um problema para me preocupar. E o que dissera fora verdade: uma bizarra sensação de nervosismo invadia-me, de tal modo que, tudo o que sonhara à pouco para quando chegasse a casa, assustava-me ainda mais. Não conseguia, apesar de todos os confortos, retirar aquele funesto grito da cabeça.

Cheguei-me à janela, arredei a cortina e, aí fiquei, observando o temporal, que tinha recomeçado ainda mais violentamente. Subitamente, enquanto ouvia os ruídos que os galhos de árvore faziam contra a vidraça da janela, vejo cair, sobre o velho freixo que habitava desde tempos remotos a esquina da minha rua, um raio, cujo clarão medonho, me fez recuar, apavorada. Comecei a partir daí, a sentir um medo terrível de tudo o que me rodeava e tocava. As mais simples sombras, os mais comuns ruídos me sobressaltavam. Estava só, desprotegida, imaginando no que me poderia acontecer se diante de mim naquele momento surgisse um criminoso ou um assassino. Causado, talvez, devo confessar, pela minha imaginação bastante fértil.

Tentara tudo para me manter calma, mas começava a compreender que isso, se adivinhava muito difícil. Resolvi pedir ajuda, peguei no telefone, liguei para Júlia que, além de minha vizinha, é também a minha mais querida e fiel amiga.

- Olá ... Queria pedir-te um favor... Posso?

- (...)

- Sabes, quando vinha para casa, aconteceu uma coisa terrível e, mesmo agora que já passou tudo, acho que estou prestes a entrar em pânico. Não podias cá vir, imediatamente? - perguntei, ansiosa- Depois conto-te tudo quando chegares.

- (...)

- Apressa-te, sim? Acho que não vou aguentar muito mais.

Desliguei e, acendi o televisor, esperando que estivesse a dar algum programa interessante. No entanto, em vão, pois em quase todos os canais passavam blocos de notícias dos enormes estragos provocados pelo temporal. Tentei a RTF, mas foi ainda pior. Passavam um desses filmes antigos, a preto e branco, em que as heroínas eram jovens frágeis e dóceis, sempre metidas em apuros. Só serviu para me assustar ainda mais, pois sendo um filme de terror, onde se via uma mulher, desesperada, que fugia, também numa noite chuvosa, com um assassino a persegui-la nas ruas de Nova Iorque. Filmes como este só me faziam sentir cada vez mais nervosa, prestes a quebrar o fino e delicado fio da completa sanidade mental.

“Só espero que a Júlia não demore.”, pensei. Ia desligar a televisão, mas mudei de ideias rapidamente. Fui à procura da cassete em que tinha os meus vídeos musicais preferidos e coloquei-a. Já mais relaxada, foi ao som do Michael Jackson que a campainha tocou finalmente.

“Vou já, Júlia! Espera um momento!” Abro a porta, quase totalmente descontraída, mas deparo, não com Júlia, mas sim dois perfeitos desconhecidos.

- Menina Sara Gonçalves?

- Sou eu. Quem são vocês e o que desejam?- perguntei, já a assustar-me novamente.

- Não se preocupe. Somos ambos detectives da esquadra local e, necessitamos que nos acompanhe até lá.

- Polícia? Posso saber o que pretendem de mim? Estou a ser presa, é isso?

- Sossegue, não é nada disso. Não estou autorizado a fornecer-lhe mais informações, apenas lhe posso garantir que terá de proceder a uma identificação. Prepare-se, no entanto, pois pode vir a ser muito doloroso para si.

- Identificação? -repeti- De quem?

- Por amor de Deus, acha que se soubéssemos, necessitaríamos da sua ajuda?- foi a resposta irónica do policial- Mas, pelo que vi, vai precisar de muita firmeza e sangue frio para conseguir reconhecer o corpo.

Engoli em seco. Esperava tudo, menos aquilo. Reconhecer um corpo? Não, não era possível. O mundo quase que desabou naquele momento. Alguém, que possivelmente eu conhecia, tinha falecido e, seria eu a identificá-lo! O que mais poderia acontecer ?

- Vamos, despachemo-nos. Temos de lá chegar hoje.- fora a primeira vez que ouvira a voz deste polícia. Áspera e rouca, ao contrário da voz serena e harmoniosa do anterior. Nas lapelas de ambos, uma identificação com o nome. O que falara agora tinha um nome apropriado à sua fisionomia. Raimundo Aragão, alto, forte, autoritário, barbado, correspondia à imagem corrente que temos de um policial. Pelo contrário, o outro, via-se que era mais simpático, talvez até demasiado para um polícia. Sereno e cordial, também alto e de uma constituição atlética e autoritária, mas menos possante que a anterior, chamava-se Luís David Ferreira. Foi o primeiro contacto que tive com eles, mas a partir daí, fiquei abstraída de tudo o mais, recusando a raciocinar correctamente. Fui acordada de uma dormência que me invadia o cérebro e os membros, subitamente por aquela áspera voz- Tens a certeza que está a ouvir? Hei, acorde! Temos de ir imediatamente!

- Desculpe- respondi- Só um momento, vou buscar a gabardina.

Saímos, então, bastante apressados. Só tivera tempo para vestir a gabardina e fechar a porta. Já no automóvel, lembrei-me de Júlia e que tinha deixado a televisão ligada. “ Bem, não faz mal - pensei - Depois explico-lhe tudo. Ela vai entender . “ Foi somente, nesse momento , que comecei a sentir-me um pouco tonta. Tudo o que me acontecera até aí tinha sido demasiado para o meu espírito - tinha tido mais emoções numa noite que num ano inteiro. E de repente, tive uma estranha sensação, como um pressentimento, de que algo não batia certo .

II

À bastante tempo que estávamos a andar e, as luzes da civilização pareciam ficar cada vez mais distantes. Embrenháramo-nos numa estrada secundária, rústica, ladeada de pinheiros e abetos por todos os lados. Estava bastante preocupada, pois não era aquele a rota que habitualmente tomava para a esquadra. Tínhamo-nos afastado de quaisquer casas e pessoas, sendo tudo o que via era a chuva a fustigar a vidraça da janela. No banco da frente, os polícias conversavam entre si e, novamente, aquela estranha sensação percorreu-me todo o corpo.

- Peço desculpa, mas está seguro de não nos enganámos? – resolvi perguntar, ansiosa – Conheço o trajecto habitual, que receio não ser este. Além disso, afastámo-nos da civilização, completamente.

- Não se preocupe desnecessariamente – responderam-me cordialmente – Tem razão, mas não quero assustá-la. Tivemos que tomar um pequeno desvio, pois o itinerário principal está momentaneamente interrompido. Sabe como é, de cada vez que surge um temporal destes...

Recostei-me novamente no acento, tentando acreditar no que me dissera. Afinal, aquele simpático polícia não teria razão nenhuma para me mentir. Mas aquela ligeira suspeita não me largava e, começava a ficar deveras assustada, alarmando-me com o mínimo ruído ou carga de água mais forte. Preocupava-me o facto de, se era aquela a única estrada transitável para a brigada, não tivesse ainda passado por nós uma única viatura. Cada vez mais nos parecíamos dirigir para um local completamente deserto. Eu estava disposta a fazer um rol de perguntas a ambos, pois reinava na minha fecunda imaginação, um turbilhão de ideias, cada uma mais dispar que a outra.

A maior seria, talvez, que desde o início estivesse a ser enganada. Eles não seriam polícias, mas sim raptadores ou criminosos que, por uma razão desconhecida, me tinham sequestrado. Verdadeiramente, não lhes tinha pedido identificação formal, mas isso não é desculpa, pois daí até ter sido raptada ia uma grande distância! No entanto, esta suspeita tomou uma dimensão real quando, súbita e abruptamente, o automóvel pára. Olhei em redor e não vi, nem casas, nem carros, pessoas, ou sequer um barracão que se pudesse assemelhar a esquadra de polícia. Tínhamos parado, sem uma única justificação, algures, numa estrada, rodeada de árvores e mais árvores de ambos os lados. Um pouco atrás, encontrava-se um envelhecido e débil lampião, mas de onde provinha a única claridade daquele local, uma ténue e misteriosa luz amarelada, que cintilava constantemente.

Talvez tenha sido aí que me descontrolei, não me recordo muito bem. Lembro-me que perdi a cabeça, gritando tão alto que os sobressaltei a ambos. Viraram-se para mim com um ar reprovador e intrigado. Assustada, atemorizada até, com tudo o que me sucedera naquela noite, sentia-me prestes a explodir. Desesperadamente, recomecei a protestar, perante o olhar atônito daqueles que se diziam protectores da sociedade.

- Quem são vocês? O que querem de mim? Porque será que me trouxeram para este fim de mundo? – e foi com um misto de ânsia, medo e fúria com que rematei – Vocês não são polícias, nunca o foram! Têm me enganado desde o início... – levei ambas as mãos ao rosto e, finalmente, consegui chorar – Não aguento mais! – Foi tudo o que consegui dizer, entre soluços, pois não conseguia, nem podia, fazer mais. Estava ainda à espera de uma explicação, tentando entender o que diziam, quando o tal Raimundo levantou a voz.

- David, vê se consegues acalmar a menina. Eu vou tentar ver o que podemos fazer ali à frente. – Ouvi um estalido na porta, acompanhado de alguns passos apressados. De olhos fechados, tentava, aos poucos, acalmar-me. Entretanto, sem que eu me pudesse aperceber, algo pairou no ar. Um cheirinho prazenteiro e familiar. Abri os olhos e encontrei na minha frente, uma xícara de café bem quente, que o policial me oferecia. Sem mais palavras, aceitei sem hesitar, pois naquele momento, aquela chávena era uma benção.

- Está melhor?

- Sim, muito obrigado. – respondi e, acrescentei – peço desculpa pelo que disse à pouco. Não costume me descontrolar desta maneira, mas na verdade, hoje foi tudo tão diferente, tão bizarro...

- Folgo em saber que se encontra melhor. Eu sei que esta paragem súbita é, no mínimo, intrigante, mas tem uma explicação bastante razoável. Diga-me, ouviu hoje algum noticiário?

- Para dizer a verdade, quando liguei o televisor vi alguns intercalares de informação, que passavam notícias de alguns estragos causados pelo temporal. – respondi sinceramente.

- Precisamente, mas não deve ter prestado muita atenção. Se tivesse, saberia que a baixa perto da esquadra está toda alagada e, a estrada intransitável. Por isso, tivemos que nos desviar um pouco. Mas estamos com azar, como pode ver. – apontou em frente, para onde se encontrava o colega, agachado. Este tentava remover a causa daquela abrupta paragem, um tronco de árvore, bastante grande, que caíra sobre o caminho, impedindo-nos de prosseguir.

Chegou então Raimundo, que em voz baixa, disse:

- Impossível de retirar assim. Vamos precisar de reforços. – virando-se de seguida para mim, acrescentou – Então, menina, já passou?

- Sim, sim, está tudo bem. Peço perdão pelo transtorno de à pouco. Mas não podemos passar?

- Receio que não, pelo menos por enquanto. Esteja descansada, resolvemos este problema num instante.

Abstrai-me então de tudo o resto. Tinha os nervos à flor da pele, mas via agora as coisas com outros olhos e sabia que não tinha mais com que me preocupar. Só precisava ter muita paciência e saber esperar. Gostaria de ter continuado a conversar com ambos, para me distrair, mas estavam demasiado ocupados a pedir reforços para me darem atenção.

Recorri então a uma estratégia que aprendera nas aulas de terapia. O meu professor sempre dissera que, para afastar o nervosismo e o desespero, nada melhor que recorrer à memória, às lembranças do passado, mas de um passado feliz. “Lembrem-se sempre de uma imagem, de um determinado momento em que foram verdadeiramente felizes”, dissera. Eu segui este sábio conselho.

Na minha mente, um turbilhão de imagens e ideias passava diante de meus olhos, como se de uma película fotográfica se tratasse. Lembrei-me de tudo o que fora importante na minha vida: o primeiro dia de aulas, as amizades, brincadeiras, Jorge, o meu primeiro namorado, a fase um pouco difícil da adolescência, mas parei no dia da minha formatura. Lembrei-me do meu pai e dos seus olhos orgulhosos por ver a sua filha licenciada em Psicologia. E uma imagem muito especial desse dia pairou diante dos meus olhos. Uma imagem, uma fotografia, a última repleta de felicidade com que tinha ficado da minha família. Parece mentira que eu, que sempre fui tão ligada à família, tenha agora com esta um contacto muito restrito. O meu pai faleceu há pouco mais de dois anos e desde então, afastei-me imenso de toda a família. Algum tempo depois da morte de meu pai, a minha mãe casara novamente, desta feita com um estofador de cadeiras, medíocre e falhado. Reconheço que nunca perdoei à minha mãe esta ligação tão repentina e, ainda hoje, sinto uma grande tristeza ao pensar nisso.

Fora esta fotografia, que agora se me apresentava claramente, a última que a minha família tirara toda reunida. Estávamos todos felizes, não só por eu ter acabado o curso, mas também porque o meu irmão tinha realizado o sonho do meu pai e tinha sido aceite na Marinha. Nesse Verão eu tinha tudo para estar contente: tinha acabado o curso com distinção, arranjava dinheiro para alugar um consultório e, aqueles seriam os últimos dias que passaria em casa. Iria mudar-me, para um pequeno mas confortável apartamento na cidade, bastante mais perto do meu futuro local de trabalho. Apesar de uma óptima relação com os meus pais, chegara a altura de ser independente e viver à minha custa. Iria mudar-me dentro de quinze dias, já com o apartamento completamente decorado.

Mas ao contrário do previsto, esse Verão foi verdadeiramente trágico, quer para mim, como para toda a minha família. Cerca de um mês após me ter mudado, iria ver a minha família pela primeira vez, quando, no caminho, o meu pai, a minha mãe e o meu irmão tiveram um aparatoso acidente, do qual resultou a morte do meu pai. Ainda que feridos, minha mãe e Carlos, o meu irmão, sobreviveram, mas a minha mágoa não ficara por aqui. Sempre que me lembro que ele morreu porque eu saíra de casa, não consigo deixar de sentir remorsos. Ainda que deveria dar graças a Deus por só ele ter falecido, mas não consigo deixar de pensar porquê ele. Porque não o outro, que ao transgredir as regras causara a morte de um inocente? Porquê o meu pai? Sempre me senti revoltadíssima com esta situação, pois nem sequer tive a oportunidade de me poder despedir daquele que mais amava no mundo.

Apenas a recordação daquela fotografia faz-me, ao mesmo tempo, ficar triste com saudade e, alegre com recordações. Visualizo nela o meu pai, aquele homem bondoso e carinhoso, severo quando necessário, mas simpático e atencioso para com todos. Distintamente vestido para o baile dessa noite, *o meu baile*, que marcava o início de uma nova era na minha vida. Sentada a seu lado, a minha mãe, elegantíssima num vestido de gala negro, que realçava os seus lindos olhos azuis, mais reluzentes que tudo o mais naquela sala.

Bonita como era, torna-se difícil, para mim, aceitar agora este casamento repentino, com alguém que não a merece. Não sou intransigente: reconheço que ela tem todo o direito de

reencontrar a felicidade, ao lado de alguém que não o meu pai. O que condeno é a sua escolha, aquele homem cujos passatempos favoritos são ficar em casa, aos domingos, a ver o canal desportivo e bebericar cerveja! Alguém como ele levará a minha mãe à autodestruição, mas só ela parece não notar. Até o meu irmão concorda comigo. Apesar de mais velho, sempre foi o meu melhor amigo, brincalhão e divertido, disposto a animar-me nos momentos mais difíceis. Também sempre se dera bem com o pai, que sonhava convencê-lo a juntar-se-lhe, na Marinha de Guerra. Apesar de ter os seus próprios sonhos, abdicou deles para seguir a opinião do pai. Mas após a morte deste, não fazia sentido para ele continuar. Seis meses depois, Carlos declarara-se incapaz de prosseguir e conseguira ser dispensado. Mesmo assim, saíra de lá revoltado e amargurado, diferente do Carlos que eu conhecera. Resolveu afastar-se e partiu para a Noruega, acabar um curso. No início, escrevia-me um postal todas as semanas. Poucas palavras, mas com sentimento. Que, no entanto, foram escasseando com o tempo. A última carta recebera-a havia três meses, onde só me dizia que teria em breve uma surpresa. Arranjara uma namorada, e pensava estabelecer-se lá, ou na Suécia.

Neste retrato, falta apenas Isabel, o mais recente fruto do amor dos meus pais. Sentada ao colo da mãe, herdou os olhos de meu pai, verdes cor de água e, tinha então dois anos. Nunca chegará a conhecer verdadeiramente o carácter justo e meigo do pai e, pelo que sei, é insuportável para com o padrasto. Eu não travei muito conhecimento com ele, mas fora ela, a mais nova, que arcara com todas as consequências, desde a falta do pai ao abandono dos seus irmãos. Desde o novo casamento da minha mãe, não mais a visitara, e não suportando, vê-la desposar alguém, passado tão pouco tempo sobre a morte do marido. Cheguei a suspeitar de um romance anterior, mas seria impossível! Ela nunca trocaria um homem como o meu pai, pai perfeito e marido ideal, por um reles estofador, mesmo que fosse o último homem à face da terra.

- Percebeu, menina?

- O quê? Ah! Sim, compreendi perfeitamente.- tinha, decerto, corado. Mas nem ousei confessar que nada tinha ouvido do que me dissera.

- David, vê? Já chegaram os bombeiros, vamos sair para ajudar.

III

Perguntei ainda se necessitavam de ajuda. A resposta que obti não foi das mais agradáveis: “Se quer realmente ajudar, não atrapalhe. E sobretudo, não me grite mais ao ouvido.” Fiquei um pouco abalada com a resposta, mas admito que chegara a ser bastante desagradável com ambos. Fiquei sozinha enquanto saíram para retirar o tronco. Pus-me novamente a pensar na razão que me levava até ali. Seria verdade que teria que identificar um corpo? Deste choque, não tinha ainda me recomposto. Pelos fragmentos de conversas que ouvira, o cadáver encontrado não possuía qualquer documento identificativo, à exceção de um pequeno bloco de apontamentos e de um dos meus cartões pessoais.

Quando o caminho ficou finalmente desimpedido, o temporal tinha parado completamente. Não consigo definir quanto tempo teria passado, mas pelo menos, algumas horas deveriam ter sido. Quando retomámos a nossa jornada, foi assim muito mais rapidamente que chegámos ao nosso destino.

A esquadra era um edifício alto e grandioso, que mais parecia um monumento. Tal visão fez-me relembrar os últimos acontecimentos. Desejava que tudo não passasse de um sonho, de um terrível pesadelo que desapareceria quando acordasse. Como tal não aconteceria, restava-me pensar no término daquela terrível noite. Mais meia hora e estarei em casa, a dormir o sono dos justos, pensava. Sabia que, sendo tão nervosa, não me iria recuperar muito facilmente deste choque final. Afinal, a morte sempre me perturbou, e eu não poderia nem por um minuto me esquecer do que ali me levava. Talvez viesse mesmo a necessitar de um psiquiatra. Não deixa de ser engraçado, uma psicóloga necessitar de um psiquiatra.

Mandaram-me esperar numa pequena sala, em companhia de mães chorosas e namoradas histéricas, que empregnavam aquela sala desconfortável, de um tom de sério desespero. Nunca tive muita paciência para longas esperas, começava sempre a impacientar-me e inquietar-me. Para distrair-me, fui tomando atenção aos dramas que grassavam em meu redor. “Uma esquadra de polícia nunca dorme”, parece uma frase feita, mas é totalmente verdadeira. Ao meu lado encontrava-se uma ingénua e confiante mãe, que recusava-se a acreditar na culpa do filho, apesar deste ter sido apanhado em flagrante delito a roubar um automóvel. Uma outra mãe, resignada e experiente nestas situações, vinha libertar a filha, uma toxicod dependente acusada de cometer pequenos delitos. Mas o caso que mais me preocupou foi o de Aline, uma jovem negra que tencionava apresentar queixa por agressão contra o namorado, que a sovara violentamente. Apresentava marcas evidentes, mas mesmo assim ninguém ainda a atendera, deixando-a extremamente irritada. Acusava tudo e todos, xingava polícias, namorado e todos nós, ameaçando até levar mais um caso de discriminação aos jornais e televisão. Pessoalmente, sei que situações com esta acontecem todos os dias, mas mesmo assim, considerava o nosso como um país um pouco mais civilizado.

Veio então um a senhora fardada despertar-me dos meus pensamentos.

- Sara Gonçalves? Faça o favor de me acompanhar.

Seguia-a por corredores movimentados e agentes atarefados, até chegarmos a uma outra ala, mais sossegada e quase sem policiais. Ao fundo do corredor, por cima de uma porta branca, uma tabuleta anunciava MORGUE. Debaixo desta, o agente Aragão, juntamente com mais dois polícias, esperava-me.

- Menina Gonçalves, apresento-lhe o Inspector- chefe Marinho e Sargento Faria. Resolvemos esperá-la aqui, para a prevenirmos do que a espera lá dentro. Rosa, obrigado, pode retirar-se.

- Gostava muito que me esclarecessem o possível. Não sei bem para que precisam de mim, só sei que devo estar aqui para reconhecer um morto.

O agente Aragão continuou:

- Talvez tivesse errado ao não a informar devidamente. Se o tivesse feito, possivelmente não teríamos sido obrigados a passar por aquela cena lamentável. Mas encontrámo-la tão nervosa que pensámos ser melhor explicar-lhe tudo com calma.

- Bem, é nosso dever alertá-la, para o que possa encontrar dentro desta sala.- continuou o Sargento - Pelo o que os agentes Ferreira e Aragão disseram, o seu nervosismo pode trazer-lhe problemas. Vai precisar de muita coragem para entrar aqui e reconhecer o corpo, pois este está bastante maltratado. Devo acrescentar que todo este caso é muito peculiar. O corpo foi

encontrado hoje, à algumas horas, no parque municipal. Presumimos que tenha sido atacado por algum animal pelos cortes, pois seria demasiado horrível para ser praticado por humanos.

Quando ouvi isto, um calafrio gélido percorreu-me todo o corpo.

- No parque, foi o que disse? Quando?

- Há algumas horas. Fomos alertados por um telefonema anónimo, que apesar de a princípio se assemelhar a uma brincadeira, tornou-se bastante sério. Sente-se mal? Asdrúbal, chama a Rosa e pede-lhe para trazer um copo de água, que a senhora não parece se sentir bem.

- Não, não é isso...- tinha decerto ficado branca como a cal, pois parecia que não ter uma gota de sangue no meu corpo. Balbuciei estas palavras e limpei algumas lágrimas que teimavam em cair. - Fui eu quem fez esse telefonema- confessei.

O Inspector olhou para mim, atónito.

- Você ? Não, não é possível. Para mim, ela não consegue ir avante com a identificação. - disse para os colegas - Está demasiado nervosa.

Decidi então contar toda a verdade, quer para me aliviar da tormenta de tais pensamentos, como para ajudar na investigação.

- Bem, tudo começou quando saí do escritório, por volta das sete horas. Como chovera o dia todo, eu pedi ao meu namorado, que tem carro, para me ir buscar. Só que esperei mais de uma hora e nem sinais dele. Ainda tentei apanhar um táxi, mas não consegui. Como estava com bastante pressa, decidi ir a pé para casa e, como o meu consultório fica próximo do parque municipal, resolvi cortar caminho por lá.

- Tudo bem, até aí. Mas, e o que aconteceu lá ?

- Começou a chover cada vez mais, e como a minha casa até nem era muito longe, em vez de me abrigar, decidi correr para chegar mais depressa. Foi então que ouvi um grito, um brado, decerto humano, aterrador, que me deixou apavorada. Fiquei um pouco indecisa ainda, pensei em ver o que se passava, mas estava tão assustada que mudei de ideias e decidi sair dali, o mais rapidamente possível. Quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi telefonar-vos, mas não me identifiquei, pois pensei não ser importante. Dali a pouco, recebi a visita do senhor e do outro agente, mas a partir daí você sabe.

- Quer dizer que, durante todo este tempo, tinha sido você a fazer o telefonema? Porque não se identificou?- o Sargento Faria quase que me trucidava com os olhos.- E poderia ter utilizado ter usado uma das cabinas telefónicas lá existentes no parque. Teríamos poupado um tempo que poderia ser precioso. Decididamente, não acredito no que diz. Não a podemos acusar de nada?

- Não acredita em mim ? Isto é demais ... - olhava confusa e assustada para o Sargento - Quando digo a verdade, não acreditam. Eu estava assustada, com imenso medo, só queria chegar a casa. Nem me ocorreu a odeia da cabina telefónica. Talvez ainda pensasse que era um partida de alguém...

- No meio dum temporal ? Tenha senso, por favor. Quem ia pregar uma brincadeira destas durante uma trovoadas ? - o sargento Faria estava realmente furioso comigo- Bem, despachassem-se com estas tretas, que eu vou-me embora. Se precisarem de mim, chamem.

- Jorge, não exageres. - tentou acalmar o inspector - Ela já está suficientemente nervosa para estares a acusá-la. Acalma-te .

- Ótimo! O caso nem sequer é meu. Eu vou-me embora. - ficara com a sensação de que ele não devia ter ficado muito impressionado comigo. Nem eu com ele, deva-se dizer. Fiquei aliviada quando se foi embora.

- Bem, o melhor a fazer é despacharmo-nos. Antes de entrarmos, quero ter a certeza de que está consciente do que vai ver. Não vai ser fácil reconhecer o corpo, a não ser que este lhe seja muito familiar. Pode conseguir identificá-lo pela roupa, um sinal...- após estas palavras, a porta abriu-se atrás de mim, e de lá surgiu o outro agente, Luís David Ferreira. Lembrei-me que tinha sido bastante compreensivo anteriormente e já não me senti tão só. Após aquele desagradável encontro com o sargento, qualquer outro polícia seria simpaticíssimo.

- Preparada?- perguntou-me. A mesma voz límpida e harmoniosa, que tanto me marcara.

- Tenho de estar. Vou ser forte, vou chegar e ver o corpo, para o identificar. Se não o conhecer... Mas vou conseguir. Vai tudo correr bem, não vai ? Claro que sim, eu não estou nervosa.

Tentava convencer-me das minhas próprias palavras, mas não parecia que estava a ser bem sucedida. O Inspector pediu-lhe então que me acompanhasse.

- Preparada ou não, vamos a isto.

Respirei fundo e trespassei aquela porta branca.

Dentro da sala, o ambiente era gélido e cortante, com um cheiro a éter agonizante. A um canto, três homens de bata branca juntaram-se a um outro, de uniforme policial, em redor de uma mesa, em tudo semelhante às outras ali existentes, duas delas tapadas completamente com lençóis brancos. Numa das paredes, uma série de gavetões pareciam os responsáveis pela temperatura gélida existente.

Eu engoli em seco e o agente Luís David encaminhou-se para junto deles. Não sabia ao certo o que iria encontrar, mas estava completamente determinada a não me deixar abater novamente. Precisava de acreditar que não reconhecera o cadáver para manter o meu nível de sanidade mental.

Ainda hoje não sei o significado do gesto que empreendi em seguida, mas que na altura foi deveras reconfortante. Olhei para o relógio oval que se encontrava numa das paredes da sala. Marcava onze horas e trinta minutos. Tinham sucedido mil e um desagradáveis acontecimentos desde que, às sete, já na escuridão, saíra do consultório. Seria este o último deles? Aproximei-me da mesa e pedi para retirarem o lençol que cobria o cadáver.

O meu primeiro impulso foi negar conhecer tal indivíduo. Quis fazê-lo, mas não consegui. Fiquei longos e eternos segundos a olhar para ele. Impávida, não conseguia articular uma palavra, não fazia um gesto, só percorria com o olhar aqueles que seriam os restos mortais daquele que considerava um dos homens da minha vida. Jazia ali, completamente desfigurado, o homem que eu um dia, aprendera a amar.

Rodrigo. Fiquei perplexa e não sei como consegui aguentar o embate de tal imagem. Banhado em sangue, de uma palidez mortífera, mutilado nos membros e em todo o corpo, coberto de arranhões e equimoses. Não existiam quaisquer dúvidas: era ele. Imóvel, não conseguia proferir uma única sílaba. Olhava de relance para ele e fixava-me cada vez mais nos pormenores. A roupa ensanguentada, os óculos partidos ao lado, mas sobretudo a imagem de um anel que eu lhe dera e ele usava ainda no dedo. Dissera um dia que nunca se separaria dele. Nunca digas nunca, respondera eu. Mas nunca seria tão verdadeira a sua afirmação. Apesar de bastante mutilado em todo o corpo, o seu dedo e o anel permaneciam inalteráveis- e o dourado do anel estava mais reluzente que nunca.

Foi a última coisa de me consigo lembrar. Subitamente, um tremor percorreu-me novamente o meu corpo. Fiquei sem forças e desmaiei. Recordo-me também de uma última e estranha sensação de amparo e segurança.

Segunda parte

Quando acordei, vi-me num local totalmente desconhecido. Não em minha casa, como imaginara, mas naquilo que se assemelhava em tudo a um quarto de hospital.

- Enfermeira, chame o Dr. Tavares. Ela já acordou.

Esta voz soava-me familiar. Estava ainda muito confusa, mas lembrava-me daquela voz límpida e fresca. Daí não ter estranhado a presença da pessoa mais simpática e delicada comigo das últimas horas. O agente policial Luís Ferreira, pois claro. Parecia satisfeito por me ver acordada, ele que tinha sido uma grande ajuda em tudo o que eu passara, talvez mesmo a maior.

- Como está ? Melhor, espero sinceramente.

- Eu... -não me deixou acabar a frase.

- Não, não fale. Os médicos disseram-me que teve um grande choque, do qual ainda não se recuperou totalmente. Foi obrigada a tomar um calmante, para que pudesse descansar sem sobressaltos.

Explicou-me então o ocorrido na véspera, desde o meu desmaio. Desde a altura em que eu fixara, estática aquele corpo, e pensavam que eu estaria a tentar recordar-me de tal indivíduo, até ao momento em que, sem forças, quase caíra no chão.

- Pregou-nos a todos um valente susto. Pensámos que poderia ter-lhe acontecido algo grave; e se eu não a tivesse amparado, poder-se-ia ter magoado.

- Foi você? O que é que aconteceu?- pedi um copo de água. Tinha a garganta completamente seca e custava-me bastante falar. - Porque é que estou num hospital? Dormi por muito tempo?

Ele fez um sorriso simpático, segredando-me:

- Bem, vou tentar explicar-lhe a sua situação clínica. Mas antes, exijo o saber se não precisa de alguma coisa, ou se se sente cansada, ou mesmo tonta.

Respondi-lhe que estava um pouco confusa, assim com não me lembrava de certos aspectos importantes que tinham acontecido.

- É normal. - respondeu, encostando-se à cama de ferro- você sofreu daquilo que os médicos chamam de choque pós-traumático. Ao ver o corpo do seu namorado, sofreu um choque, tendo dificuldades em aceitar tal visão, o que se traduziu em tonturas profundas, e consequente falta de sentidos.

- Penso que tem razão.- respondi - Não é médico, pois não? Parece, pela maneira de falar...

- Não, não sou. Sou polícia, como sabe. - respondeu, sorrindo novamente. - Comecei o curso de Medicina mas desisti. Era pouco emocionante. Não se consegue lembrar de mim?

Prestei-me a responder que sim, lembrava-me dele, até bastante bem. Era o Sr. Ferreira, o agente simpático que me oferecera uma abençoada chávena de café numa das alturas em que mais necessitava. E bem precisava agora de uma outra. Sentia-me completamente desfeita, estava praticamente imobilizada pelo cansaço que sentia em todos os meus membros.

- Por favor, não me chame Sr. Ferreira, nem sequer agente ou policial. A todos que me conhecem, exijo que me tratem pelo nome próprio, Luís David, ou simplesmente David. Você também, claro. - dissera ele de seguida- Ainda bem que se lembra de mim. E tem imensos amigos. Sabia que imensas pessoas gostariam de a vir visitar? Ganhou a simpatia de muitos colegas meus e, lá fora está a sua família, para a ver.

Eu não queria acreditar. A minha família? Impossível. Havia já tanto tempo que não tínhamos contacto, que não se teriam deslocado de tão longe só para me ver.

- Pois estão todos aí... A sua mãe, o seu pai, os seus irmãos. Todos esperam a sua vez de visitá-la.

- O meu pai...? - ouvira bem ou estaria a sonhar? - Ah! Não se refere, por acaso, a um indivíduo baixo, um pouco gordo com barba e bigode? - perguntei.

- Bem, deixe ver. - espreitou pela vidraça - Já cá não está. Mas como estava com a sua mãe, suponho que seja seu pai. Pelo que me lembro, era...Sim, era baixo. Mas não era gordo, nem usava bigode. Deve estar enganada.

- Pois não era o meu pai, disse tenho a certeza. Ele morreu à cerca de dois anos. - só o mencionar do meu pai fizera-me lacrimejar novamente. Tentei limpar as lágrimas, mas ele percebera.

- Desculpe, não fazia ideia. Meti a pata na poça, não foi? E eu que queria ser o primeiro a vê-la, só para a ver sorrir. Só a fiz chorar.

Não, ele não tivera qualquer culpa. Expliquei-lhe que, quando falava no meu pai, ficava sempre muito sensível. Agradei-lhe do coração toda a simpatia que tivera para comigo, desde o momento que nos conhecêramos, sem pedir nada em troca. Simpatia essa que ele demonstrava a todos os momentos.

- A melhor maneira de me agradecer será recuperar-se totalmente, o mais rapidamente possível. Mas que estou eu a fazer? Vou chamar a sua família, que devem sentir muitas saudades suas. Estavam muito preocupados ainda à pouco.

Saiu por breves momentos. Só então me apercebi que, em toda a nossa conversa, não tinha mencionado nada do que acontecera na véspera. Deviam ser ordens médicas para não me preocupar, mas eu precisava de saber mais pormenores. Perguntaria, na primeira oportunidade.

Quando regressou, não percebi logo quem trazia consigo. Fez tenção de sair, mas como apreciava a sua companhia, tentei demovê-lo.

- Espere, Sr. Agente, não vá. Fique aqui, se puder, e quiser, claro.

- Posso, claro. Hoje estou de folga. Mas, por favor, não me faça sentir mais velho. Chame-me David, é uma ordem. Posso também chamá-la pelo seu nome de baptismo? Saiba que é um bonito nome.

Tudo bem, respondi. Pedi-lhe que se aproximasse e, por detrás dele, surgiu Carlos, o meu irmão.

- Carlos! Dá-me um abraço. Não dizias nada! – tinha-me emocionado um pouco com a surpresa, mas depressa caí em mim – Que fazes aqui? Não nos vemos à imenso tempo!

- Desculpa, maninha.- trazia consigo um sorriso de orelha a orelha – Quase me esquecia de ti. Felizmente lembrei-me que tenho uma irmãzinha adorável.- dando-me um abraço muito forte e carinhoso.

Eu estava contentíssima, mas um pouco intrigada.

- Como vieste cá parar? Não estavas na Noruega?

- Esqueceste-te então da minha surpresa? Cheguei ontem, queria matar saudades de todos vocês. Tencionava visitar-te amanhã, mas a mãe telefonou-me hoje de manhã, a avisar que estavas no hospital. Claro, vim sem demoras.

- A mãe... ela está aí fora? Como ela está?

- Bem, penso. Está ali com a Isabel. Eu vou sair, para as poderes ver.

- Não, espera um pouco.- disse, pegando na sua mão, assim como na de Luís David, que se encontrava a meu lado.- Ambos estão a ser muito importantes para mim, neste momento difícil. Obrigado, muito sinceramente.

Olhei para ambos, vendo-os, não como um irmão e um polícia, mas como dois amigos.

- Se o Rodrigo me visse agora, tão bem rodeada, iria de certeza, ficar enciumado. O Rodrigo... - o recordar do seu nome fazia-me soluçar- Não pude sequer despedir-me dele. Porquê? - voltei-me para Luís David e perguntei- Pode dizer-me o que aconteceu? Ontem à noite, como é possível que ele tenha morrido? Não foi, decerto, um sonho. Foi bem real. Pode explicar-me o que aconteceu?

Ele respondeu-me evasivamente, pedindo para não me preocupar. Mais tarde explicaria tudo. Sobretudo, não se enerve, dissera.

- Sábios conselhos, maninha. – concordava Carlos, dando-me um repenicado beijo na bochecha. – Pois ainda não estás curada. Descansa um pouco, eu vou chamar a mãe.

Saiu então do quarto. As lágrimas teimavam voltar novamente, e foi Luís David quem, muito cuidadosamente, tratou de as limpar.

- Não chore, que não vale a pena. Precisa de muita alegria para abraçar a sua irmã e a sua mãe. Aí vêm elas!

Com efeito, neste preciso momento, a porta da enfermaria abriu-se e através dela entrara uma pequena criança endiabrada.

- Sara! – viera a correr e já me saltava para cima da cama.

- Isabel, olá! Estás boa? Dá-me um abraço!...- após esta efusiva manifestação de carinho, dirigi-me à senhora que a acompanhava- Olá, mãe. Como vão as coisas? Está tudo bem?

- Parece que quem não está muito bem és tu, Sara. Precisas de alguma coisa?

Após ouvir estas palavras, a minha vontade era simplesmente pedir-lhe para nada mais dizer e se retirar. Mas por respeito aos presentes, acabei por lhe lançar apenas um gélido e indiferente olhar e, voltei-me novamente para a minha irmã.

- Como estás crescida! – afagava-lhe a nuca e as tranças morenas – Há imenso tempo que não te via. Tens te portado bem?

- Extremamente bem.- respondera-me a mãe- Sabes, Sara, - recomeçou num tom mais severo – eu ainda sou tua mãe. Estou deveras preocupada contigo e a tua saúde, mas gostava que não fosses tão fria comigo. Basta-me um pouco de carinho, nada mais.

Admito que um dos meus maiores defeitos é nunca dar o braço a torcer. Sei que é um acto bastante egoísta, assim como sabia, na altura, que ela estava completamente certa. Mas nunca o admitiria. E apesar disso, consegui engolir parte do meu orgulho e dar-lhe uma resposta satisfatória.

- Não se preocupe, mãe. Passei um mau bocado, mas agora estou bem.

A conversa foi interrompida com a chegada de um médico, e com ele, uma das enfermeiras.

- Receio que o que diz não corresponda inteiramente à verdade. Desculpe, menina, mas não pude deixar de ouvir.- olhou em volta, observando todos os que ali se encontravam. – A família toda reunida, não é? Pois muito prazer, eu sou o Dr. Jaime Abreu. Vocês devem ser a Sr.^a Aguiar, a pequenina e o irmão mais velho da Sara. Correcto?

- Errado. – Luís David apressou-se a esclarecer o equívoco.- Eu não sou o irmão, mas também tenho muito prazer. Chamo-me David Ferreira, sou o agente policial encarregue desta sua paciente.

- Desculpe o engano, Sr.. Muito prazer. – feitas todas as apresentações, o doutor explicou detalhadamente o meu problema, não faltando as respectivas recomendações.- A nossa paciente parece recuperada do choque, mas nada é conclusivo. Tratando-se de problemas de foro psicológico, não podemos fazer-lhe análises ou exames para retirar as nossas dúvidas. Quando eu lhe der alta, serão vocês que terão de assumir responsabilidades sobre ela.

Retorqui, afirmando que me sentia muito bem e nem sequer a cabeça me doía. Mas quando ele ia contestar estas minhas palavras, foi novamente interrompido.

- Posso entrar ? – era meu irmão que entrara na sala, e acercara-se de nós. – Gostava de fazer parte da reunião, já que sou o irmão da Sara.

Lancei-lhe então um olhar enternecedor, que ele entendeu em pleno. Aproximou-se da mesa de cabeceira e deu-me novamente a mão, perguntando-me baixinho:

- Está tudo bem ?

Respondi-lhe com um aceno, mas ele já pedira ao Dr. Abreu para continuar.

- Como eu dizia ainda à pouco, a Sara necessita de muito repouso. Vai ter de descansar bastante e conto com todos vocês, para que não a deixem preocupar-se ou mesmo irritar-se. Um pequeno aborrecimento pode mesmo chegar a tornar-se muito perigoso.- tomou fôlego, continuando – Não temos dados concreto sobre este tipo de choques, e tudo o que posso dizer é que qualquer tipo de ansiedade ou descontrolo pode provocar sérias lesões psicológicas. Percebeste bem, minha pequenina ?

Esta última afirmação fora dirigida especialmente à minha irmã, que com mais um gesto carinhoso por parte dele, ficou completamente rendida. O Dr. era óptimo com crianças.

- Não vais chatear a tua mana, pois não ?

- Não, eu gosto muito dela. – foi a sua curta mas sentida resposta.

- Óptimo! Sei que vai ficar em boas mãos. Agora, todos para fora! A Sara precisa de dormir mais um pouco.

- Todos obedeceram e, um a um, saíram do quarto. Luís David foi o último, e antes que saísse, interpelei-o:

- Sr. Agente...

- David!, já tinha dito!

- Como queira... – Estava a ficar cada vez mais ensonada, devia ser do calmante que a enfermeira aplicara. Mas tinha de saber ... – Agora já pode dar algumas explicações, para eu poder compreender o que aconteceu ?

- Esteja descansada. – foi a sua resposta – Quando estiver mais forte e eu vier visitá-la, explico-lhe tudo. Durma e sonhe muito.

II

No dia seguinte, o doutor concedera-me alta. No entanto, fora bem claro: muito repouso, e nem pensar sequer em trabalho nos próximos dias. Que precisaria de estar sempre acompanhada, pois, pelo que disser, corria sérios riscos de uma depressão pós- traumática.

Vi-me assim obrigada a concordar com todas estas condições. Não que umas férias, apesar de forçadas, não fizessem bem a qualquer um. Combinara com o meu irmão para que ele me viria buscar ao hospital e levar a casa, onde a minha mãe ficaria comigo até eu ficar boa.

Estava já pronta, tendo arrumado o pouco que ali tinha, e sem qualquer saudade, despedi-me daquele quatinho onde tinha ficado nos últimos dias. Saía do quarto, quando surgiu de novo a figura de Luís David.

- Bom dia! Sentes-te melhor ?- perguntou.

- O suficiente para estar desesperada para sair daqui sem demora. Espero apenas o meu irmão para regressar para casa. Estou com imensas saudades.

- Sinceramente, não sabia que terias hoje alta. Parece que por pouco não te encontrava.

Agradei-lhe, mais uma vez, tudo o que fizera por mim. Como retribuir um dia? Como me arrependia, ainda hoje, pela lamentável cena da noite do temporal! A minha indelicadeza para com ele e o colega não tinha tido limites, só podia ser explicada pelas minhas tendências depressivo- neuróticas.

- Infelizmente, foi para relembrar essa noite que vim hoje ter contigo- disse ele, após ter aceite as minhas desculpas. - Sei que trarei más recordações, mas, como prometi, acredito que mereces ser informada.

Nem o facto de eu esperar à muito este momento contribuiu para que eu não sentisse as forças a abandonarem-me quando mo disse. Uma ténue lembrança era tudo o que tinha dessa noite, e o recordar fez-me então lacrimejar. Ia responder-lhe quando, subitamente, se acerca de nós o meu padraсто.

- Sara, debes lembrar-te de mim. Apesar de nos termos visto somente uma vez, pelo que a tua mãe conta, considero-te já uma filha.

Ele tentava ser simpático, mas notava-se perfeitamente que estava ali forçado. Suspirei fundo por um breve momento e, plena de uma nova força, que não me deixava abater, apresei-me a responder...

- Sr. ... - fiz uma pequena pausa, como quem parecia estar a recordar-se de algo- Eu sei o seu nome, espere um momento...Deixe ver se me lembro. Cardoso? Não, não é. Leitão? Também não. Ah! Lembrei-me! Sr. Hipólito Aguiar, como vai?- É verdade, admito-o, que fui bastante desagradável com ele. Mas não o consegui evitar. Foi mais forte que a minha consciência, e depois de tudo o que passara, esperava descarregar em alguém. Que, só por acaso, era o meu odiado padraсто. Foi contudo, um momento bastante divertido, que eu aproveitei ao máximo. - David, este é o mais recente marido de minha mãe, Hipólito Aguiar.

Sr. Hipólito, este é um grande amigo meu, o Sr. Ag^{te}. Luís David Ferreira.

Curiosa com as reacções causadas pelas minhas palavras, olhei de soslaio para a expressão de ambos. Se Luís David parecia deveras surpreendido, lançando-me também um olhar inquiridor, o meu padraсто, mais que surpreso e espantado, parecia quase irritado com a minha atitude.

Criara-se então um embaraçoso silencio, apenas quebrado quando Luís David resolveu tomar a iniciativa e estendeu-lhe a mão.

- Ainda não tinha tido o prazer de o ter conhecido. Chamo-me Luís David Ferreira, e sou amigo da Sara.

- Muito prazer. - foi a resposta seca e áspera, que aliada a uma expressão séria e carregada, não escondia a sua irritação. - Sara, - disse, voltando-se para mim. O teu irmão não conseguiu vir buscar-te, ficou bloqueado na Avenida por causa do trânsito. A tua mãe pediu-me para levar-te a casa. Estás pronta ?

A simples ideia de ser ele a levar-me a casa não me agradava mesmo nada! Por breves instantes, culpei Carlos, pois, apesar de saber que não o conseguia suportar, obrigava-me a ir sozinha com aquele homem. No entanto, não hesitei, e precisando de uma solução drástica e rápida, apressei-me a responder, com o ar mais natural do mundo:

- Não me diga! Então não lhe haviam dito que já não ia com o meu irmão? -a tal solução chegara e, agarrando o braço de David, acrescentei - Eu descombinei tudo com o meu irmão

ainda à pouco. O David faz questão de ele próprio me levar a casa , e não vou lhe fazer uma desfeita.

A ligeira irritação do meu padrasto estava a tender para tornar-se algo mais sério. Tinha ficado bastante avermelhado, e a sua expressão mostrava um misto de fúria e embaraço.

- Se tinhas outros planos, podias ter avisado. Ou pelo menos, a tua mãe. Mas claro, quem sou eu para discordar das tuas decisões?

- Concordo inteiramente consigo. Você não é ninguém para questionar as minhas decisões, tão pouco meu pai ou meu parente.

Estas palavras, ditas tão violentamente, foram recebidas como um balde de água bem fria. Tentou ainda ripostar, mas apenas exprimiu raiva e desconsolo, voltando-nos as costas e indo embora sem mais palavras.

- Agora que conheces o meu “pseudo-padrasto”, diz-me, o que pensas dele?

- Personagem interessante, mas percebeu-se nitidamente que ficou muito magoado contigo. Porque foste tão antipática para com ele?- respondeu .

- Porque é, talvez, a única pessoa que não suporto, e a última que queria ver neste momento.

Luís David era um pouco mais humano e bastante menos duro que eu, e quase me repreendeu pela minha atitude.

- Acho que lhe deves pedir desculpa. – aconselhou.

- Eu?! Nunca na vida! – não tardei a acrescentar – Ele é um homem desprezível. Não me admirava que tivesse ficado lá fora, escondido, a espionar se vou sozinha para casa.

- Não consigo acreditar. Deve ser um bom homem, tenho a certeza. Decerto não o conheces bem.

- Mesmo que o seja, ficava bem mais sossegada sem ouvir sequer o seu nome. Mas podias ajudar-me, talvez...

- Se estiver ao meu alcance, com muito gosto. – respondeu sinceramente.

- Podias levar-me a mala até à rua e chamar um táxi? Tenho ainda que falar com a enfermeira.

Demorei muito pouco, e em breve transpunha a porta do hospital onde passara os últimos dias. Lá fora, procurei Luís com o olhar. Não o via por lado nenhum, nem sequer o táxi que pedira para chamar, ou mesmo a minha mala.

- Hei, Sara! Aqui! – ouvi, olhando na direcção da voz que me chamava. Era o Luís David, sentado dentro dum Corsa vermelho.

- Então- disse ele quando me aproximei- Não estavas a dizer que o teu padrasto poderia estar a espionarmo-nos? Ou pensavas que te deixaria sozinha depois de tudo? Ordens médicas, entra, eu levo-te a casa.

Agradei a gentileza e entrei. Durante o pouco que demorámos a chegar à minha rua, tive a oportunidade de conversar um pouco mais com ele. Mais do que um agente policial, era agora uma amigo, simpático e divertido, que me animava sempre que ficava mais tensa.

- A minha mãe deve estar à minha espera.- disse ao chegarmos. – Muito obrigada pela boleia, fico a dever um favor.

- Claro que não, - respondeu – estou apenas a fazer o meu trabalho. Tinha de te colocar sã e salva em casa, para podermos falar de assuntos bem mais sérios.

Percebi logo pelo seu tom que era a conversa que eu ao mesmo tempo ansiava e receava. Era a oportunidade de poder esclarecer todas as dúvidas que me martelavam os pensamentos, já de si confusos.

- Entra comigo, por favor. Não iremos conversar à entrada.

Mas quando coloquei a chave na fechadura, estremeci. Uma estranha sensação, um calafrio, talvez. A última vez que tinha esboçado aquele gesto estava extremamente assustada, mas pensava que o Rodrigo estava bem. Agora, não podia estar mais descontraída, mas Rodrigo estava morto e eu sabia- o.

- Mãe! Estás aqui? – perguntei, ao entrar em casa. Ninguém respondera, e desde logo deduzi que ela tinha mentido quando dissera que não se afastaria um minuto. Possivelmente, nunca fizera tentações de ficar comigo.

- Parece que não está ninguém em casa. Não se preocupe, faço companhia até a tua mãe regressar.

- Não é necessário, obrigada. – ansiosa, quis logo ir direito ao assunto – Posso finalmente saber como é que o Rodrigo morreu ?

- Calma aí – pelo contrário, Luís David não estava nada contraído. – Sente-se, faz de conta que estás em tua casa. Que tal um café?

Veio-me logo à memória aquele delicioso café que tomara na viatura.
- Muito obrigada. Mas como estou em minha casa, eu mesma preparo o café.
- Nem penses nisso, é a minha vez de tomar conta de ti.
Fiquei ainda um pouco a pensar no que ele queria dizer, até que me obrigou a deitar no sofá, colocando-me por cima um manto que nem sei onde fora encontrar.
- Fica aí sossegada, por favor. Eu amanho-me na cozinha. – sorri quando ele disse estas palavras. Parecia uma inválida, mas esperava que ele necessitasse da minha ajuda. Não daria nem cinco minutos até que ele voltasse para pedir ajuda.
Nem sequer tinha passado um minuto, quando voltou, mas não para pedir ajuda.
- Sara, tinhas este bilhete na porta do frigorífico.
Levanto-me para ver do que se tratava, mas era um bilhete para o meu padraço.

Hipólito:

Tive de ir fazer compras ao supermercado.

Fica com a Sara e não a deixes só.

Ajuda-a no que precisar, e sobretudo, sê simpático.

(NÃO DEMORO!)

- Ah, Ah, Ah! – acabei por me rir – Não é demais? Como se ele soubesse o que é simpatia...

Mas ela demorava, e dali a pouco, Luís David servia-me uma outra chávena de café.

- Está delicioso, obrigado. O teu café é sempre ótimo.

- Obrigado, são os anos de experiência. – o seu sorriso era agora claramente forçado. Precisamos de falar. Já deves saber as linhas gerais do que aconteceu no outro dia. Mas existem ainda alguns pontos a esclarecer, e nesses podemos ajudar-nos mutuamente.

- Eu tenho algumas perguntas a fazer - disse-lhe então. – E a primeira delas é: o que aconteceu?- pensava estar preparada para qualquer revelação que ele me fizesse, por mais cruel que fosse.

Explicou-me que iria tentar resumir tudo o que acontecera, e que a polícia tinha conhecimento. Por volta das 19 e trinta do passado dia 30 de Novembro, receberam uma chamada anónima. Um alerta para algo de estranho que estaria acontecer no parque da cidade. A princípio, tinham pensado tratar-se de alguma brincadeira, mas ao deslocarem-se lá encontraram um cadáver, o que os levou a pensar em crime. Um indivíduo do sexo masculino, vinte e tal anos, sem identificação que lhe valesse, pouca roupa, sem valores, apenas encontraram um dos meus cartões de visita, num dos bolsos.

- O meu cartão ...- interrompi- dei-lhe um novo no outro dia, porque ele perdera o que lhe dera. Mas como morreu ele, e ficou naquele estado que eu vi?

- É me bastante difícil estar-lhe a revelar isto, nem sequer estou autorizado a dar muitos pormenores. – suspirou profundamente, como que querendo arranjar a coragem suficiente para acabar o que começara.

Um súbito ruído chamou-nos a atenção. Alguém mexia na fechadura da porta. Luís David deu um salto na cadeira, dirigiu-se para lá e encobriu-se pela porta, numa atitude que eu me habituara a ver nos filmes policiais. Quando esta se abriu, eu própria suspirei, aliviada. Era a minha mãe, que chegava carregadíssima com sacos de compras.

- Olá filha ! Então, como estás? O Hipólito tem te feito companhia? Eu já cheguei, não te preocupes mais.

Não tinha ainda reparado na presença de Luís David. Ao fechar a porta, olhou para detrás da mesma e, ao vê-lo assim escondido, assustou-se.

- Meu Deus! Sara, aconteceu alguma coisa? Quero dizer, como teu padraço. – e mais baixinho, em quase em surdina, acrescentou. – O que é que este está aqui a fazer?

Resolvi tranquilizá-la, dizendo que não viera com o meu padrasto mas sim com o Luís David, e que este estava a explicar-me o que acontecera na aterradora noite que tivera.

Ele dirigiu-se-lhe então muito educadamente:

- Como vai, minha senhora? Desculpe a inconveniência.

- Não faz mal, - respondeu ela muito desajeitadamente, um pouco embaraçada. - eu vou para a cozinha, assim podem conversar melhor.

Retirou-se novamente, enquanto o Luís David continuava a minha elucidação do que sucedera. E por mais terrível do que possa parecer, contou-me que Rodrigo tinha sido barbaramente assassinado. Brutalmente espancado por um bando de marginais que o tinham sovado até à morte.

- Mas isso é horrível!- disse, espantada e horrorizada com o que ouvira. - O meu namorado, agredido até morrer? Mas que país é este, em que acontece coisas destas? E eu, eu ouvi-o gritar!- dei aí por mim a imaginar o que teria acontecido se eu me tivesse aproximado mais.

- David!- gritei.- E se eu, estando também no parque, tivesse sido atacada? O que poderia vir a acontecer?

- Ninguém sabe o que poderia ter sucedido, mas conhecendo a fama desse bando de marginais, não tenho dúvidas que terias sido atacada. Eram decerto as únicas pessoas no parque. Quem sabe o que eles te teriam feito?

Estas últimas revelações tinham me tocado profundamente. Rodrigo, sem o saber, talvez dera a sua vida para me salvar. Oh! O que eu faria para poder novamente lhe falar! Mas deste estado de profunda melancolia e reflexão depressa passei a um de revolta, contra aquele que menos culpas tinha, Rodrigo:

- Porque é que ele tinha de ali estar naquela noite? O que fazia ali, sozinho, no meio do parque, que sítio perigoso!, e numa noite daquelas!

Tinha realmente perdido completamente a calma e a compostura, e só me recompus quando Luís David me tentou aquietar.

- Acalma-te , Sara!- respondia Luís David. -Não podes irritar-te, lembra-te. Ordens médicas que eu tenciono fazer cumprir.

- Está bem- resignei-me - mas é extremamente difícil acreditar em tudo isto. O Rodrigo, uma das pessoas mais responsáveis e cuidadosas que conheço. Ele sabia o quanto era perigoso andar no Parque à noite...

- Nós pensamos ter também uma explicação para isso. No outro dia, disseste que esperavas por ele à saída do emprego, não foi?

Respondi afirmativamente, que tínhamos combinado que ele me iria buscar de carro.

- Tudo bate certo. O que terá acontecido, é que terá sido vítima de um assalto. Após analisarmos todos os factos, chegámos a conclusão que o Sr. Rodrigo Guedes tinha sido assaltado dentro do próprio automóvel. Esta viatura foi encontrada abandonada algumas horas depois, com toda a identificação do seu namorado. Tinha sido utilizado para fuga num assalto a uma loja de bebidas.

- Um assalto também?- parecia incrível, mas fazia algum sentido.

- Só achámos estranho - continuou- foi ele não ter apresentado queixa logo após o assalto.- parou por breves momentos, servindo-me um copo de água. E devia estar branca como a cal.- Mas a partir daqui só entrando no campo das deduções. Possivelmente, terá preferido encontrar-se contigo, conforme o combinado. Pode mesmo ter querido poupar algum tempo, atalhando pelo Parque. Se foi isso, sabemos que não o podes censurar. Ele acabou por te salvar !

Contado ninguém acreditaria, pensava. Parece uma história de terror que conhecemos da TV ou cinema. Ainda bem que já acabara. O que faltaria ainda acontecer?

III

- Estou extremamente cansada- disse então - Importar-te-ias que eu fosse agora descansar um pouco? Foram demasiadas revelações seguidas, e hoje não consigo falar muito mais.

Eu bem precisava de reflectir sobre tudo isto. Delicadamente, ele disse não se importar. Descanse bastante, dissera, para se recompor depressa. Voltarei um dia para acabarmos de conversar.

Eu não sabia o que haveria mais a dizer. Ele buscara a gabardina e preparava-se para sair, quando bateram à porta.

“Quem será?”, pensei.

- Poderias abrir a porta, se faz favor? - pedi-lhe, pois conservava-me ainda deitada no sofá.

Quando ele a abriu, por breves momentos fiquei sem saber quem era. Encoberta por Luís David, uma surpreendida voz feminina pedia desculpa por se ter enganado no apartamento.

- Para que andar quer ir?- perguntou Luís David.

- Eu vinha visitar uma amiga no 3º andar. Moro lá em cima, e como utilizo as escadas, por vezes engano-me. Desculpe o incómodo, sim?

Foi então que reconheci a jovial voz e a presença de espírito de Júlia, e fiz-me entender.

- Júlia, vem cá, não te enganaste! Anda cá e dá-me um abraço.

Como Luís David tinha-se afastado um pouco, pude ver o espanto da minha amiga.

- Sara !? Espera aí, mas se esta é a tua casa, quem é este? - entrou e dirigiu-se-me, quase num sussurro -Tu não estás a trair Rodrigo, pois não?

Pobre Júlia, a mesma estouvada de sempre! Ainda não sabia nada...

- Sara, eu vou andando. Recupera depressa, que depois falamos. - era Luís David, que se ausentava no momento mais oportuno. - Prazer em conhecê-la, menina Júlia.

Seria impossível descrever a expressão desta quando ele disse estas últimas palavras.

- Sara, o que é que está a acontecer?- perguntou-me, após Luís David ter saído. - Pedes que eu venha cá visitar-te, depois somes durante dias, deixas o televisor aceso... Estive quase a comunicar o teu desaparecimento. Podias ter sido raptada! Mais tarde, telefone para tua casa e a tua mãe diz-me que estás doente! O que se passou? E quem é este tipo?

A Júlia é difícil de descrever. A minha melhor amiga, talvez o meu complemento. Sou bastante mais recatada que ela. Ela é daquelas pessoas que dizem tudo na cara dos outros, doa a quem doer. Descontraída e alegre, por vezes até demais, é totalmente o oposto de mim.

- Júlia... - ia começar a explicar-lhe quando apareceu a minha mãe. Feitas as apresentações, pediu a Júlia que a ajudasse enquanto eu descansava.

Deve ter então esclarecido tudo pois, dali a pouco, quando regressou, Júlia trazia os olhos chorosos e deu-me os pêsames.

- Descansa bem, e peço também imensas desculpas pelo que disse à pouco. Fiquei surpresa quando este polícia abriu a porta, confesso, mas sei que não tinha o direito de dizer aquilo. Mas fica aí quietinha e descansa. Eu volto mais tarde para conversarmos melhor.

Despediu-se com um repenicado beijo na minha bochecha. Foi melhor assim. Ter de lembrar para lhe explicar tudo novamente iria ser ainda mais doloroso para mim. Por uma vez, a minha mãe havia-me feito um grande favor.

Terceira Parte

Vários dias passaram desde então. Fiquei cerca de duas semanas sem ir ao consultório e, os meus pacientes começavam a impacientar-se com a minha ausência. Alguns chegavam a telefonar, para dizer o quanto necessitavam de desabafar. Mas durante este tempo mantive-me em puro descanso e durante vários dias nem sequer mantive o contacto com o consultório.

A minha mãe continuava comigo, mas eram frequentes as visitas dos meus irmãos. Carlos aparecia sempre que podia e trazia consigo Isabel, o sol da minha vida. Era esta a maneira carinhosa que eu a tratava e a qual ela parecia adorar. Era Carlos quem, juntamente com o meu padrasto, cuidava dela durante a ausência da minha mãe. Ainda bem, pensava eu, que não suportava a ideia de vê-la sozinha em casa com aquele homem.

Carlos pudera então explicar a razão do seu retorno à pátria. Vinha avisar e convidar toda a família para o seu casamento com Cecília Bergreen, norueguesa, mas filha de mãe portuguesa. Fiquei extremamente surpreendida com a notícia, pois ele nunca me tinha revelado a seriedade do seu namoro. Mas nas suas repetidas visitas pude perceber o quanto a amava, apesar de nunca mo ter dito. Carlos nunca fora uma pessoa de grandes paixões. Em crianças eu era a sua grande confidente e, de realce apenas me recordo duma paixoneta por uma rapariga mais velha, andava ele no 7º ano. Alguns namoros sem importância é tudo que me consigo recordar e nunca tivera uma relação estável, na qual manifestasse o louco e volúvel carácter dos apaixonados. Via-o agora, passados tantos anos: o modo como se referira a ela, como a descrevia, como contava algumas dos seus episódios em comum. Vi-me diante da certeza de perder assim o meu irmão para sempre. Iria decerto ao seu casamento, em Setembro próximo, mas visitas regulares a um país tão afastado não era algo que me cativasse especialmente. Ficaríamos afastados pela distância, mas próximos pelo sentimento.

Não quisera ainda apresentar a noiva à família e esperaria pelo casamento. Quisera vir apenas para apagar a saudade e aproveitar os últimos tempos de solteiro. Mas as saudades que tinha dela começaram pouco depois da sua chegada e começavam a reclamar um regresso rápido. Assim, pouco depois de eu me encontrar revigorada, não resistiu e partiu novamente para a Noruega, deixando para mim votos de muitas felicidades e convites para o dia mais feliz da sua vida.

Depois da sua partida, exigi à minha mãe que voltasse para casa para junto de Isabel. Estava completamente restabelecida e não existia razão para ficar, eu só queria voltar à minha vida normal mais rapidamente e se possível, tentar esquecer este passado trágico.

Foi nessa altura que Luís David voltou a visitar-me. Vim cumprir a promessa que lhe fiz, dissera ele. Pouco mais dissera. Conversámos acerca de tudo, menos sobre o assunto que supostamente o levava ali.

Não foi sem pena que nesse dia me despedi dele. Porque sentia que ele poderia vir a ser uma daquelas pessoas com quem nos damos sempre bem, um amigo para os bons e maus momentos. Mas a sua profissão e tudo o que sucedera impediam uma nossa amizade, que nunca seria bem vista por todos. Despedimo-nos assim com a certeza da impossibilidade de nos revermos. Eu nada mais queria de Luís David que uma sincera e fiel amizade. Necessitava, sim, de um amigo! Alguém que me ouvisse e compreendesse, aconselhasse e apoiasse. Mas tal figurava-me a meus olhos completamente impossível, pelo menos por enquanto.

De Rodrigo, do seu amor e carinho, da sua amarga morte, acudiam-me frequentemente lembranças. Sempre fora mulher de amar apenas um homem, e nenhum outro poderia vir a preencher completamente aquele espaço vazio que ele deixara dentro de mim. Ainda hoje, guardo uma imensa saudade de todos os tempos em que estávamos juntos e felizes.

Coincidiu esta visita com o recomeço do meu trabalho no consultório. Tinha já saudades daquele local, da Mariana e da Carlota (a minha secretária e a sua assistente), da escrivanhina de madeira batida, e do próprio consultório, de longas cortinas, decorado ao meu gosto. Do mapple onde recebia os pacientes que, sempre que necessário, se deitavam no divã que mandara fazer expressamente para este fim.

Tinha ainda saudades da Dona Josefina e dos seus problemas conjugais, cujo marido à muito não honrava o estado civil, do Dr. Eugénio Andrade, com os seus problemas de afirmação, entre tantos outros casos...Recentemente, recebera uma nova paciente, Catarina Viegas, uma jovem adolescente de 13 anos que vinha à procura de apoio psicológico que a ajudasse a suportar uma gravidez indesejada. O pai, um colega de escola, dependia dos pais

para tudo e não possuía maturidade suficiente para reconhecer o próprio acto que haviam feito, e muito menos para criar um filho. Das famílias de ambos, não viria certamente a resposta. Se uma pecava pela severidade com que oprimia os filhos, levando-os à rebelião, a outra, acomodada, era indulgente em tudo, tentando ainda uma fuga airosa para aquele problema, que imaginavam não ser deles. Empenhara-me bastante neste caso, mas infelizmente, não pude assistir ao seu final. Durante o meu período de ausência, soube que a família da jovem tinha abandonado a cidade, arrastando-a ou tentando ocultar de todos a sua desgraça.

Cumpri as minhas muitas obrigações e embrenhei-me a fundo nos problemas dos outros, para esquecer os meus. Os dias foram passando e, com eles, regressava a monotonia duma vida estressada de cidade. Entre casa e consultório, aos poucos a vida voltava à normalidade.

Mas sentia que faltava algo na minha vida. O quê?, perguntariam-me. Era afortunada, tinha posses para ter quase tudo o que queria. Quase, é preciso sublinhar. Precisava de alguém a quem pudesse contar as minhas mágoas, desesperos, aflições. Um confidente? Talvez. A minha mãe nunca fora boa confidente, e o meu primeiro e único tinha sido o meu pai, a quem eu confiaria até a minha vida. A Júlia? Era uma boa amiga, sem dúvida, mas começava a denotar algumas falhas imperdoáveis no seu carácter extrovertido, tão diferente do meu. Os conselhos que necessitava, ela não os poderia dar, assim como não entendia algumas das minhas mais íntimas confidências. O Carlos seria ainda aquele que mais se aproximava do meu pai, sem dúvida, e seria um bom conselheiro. Mas agora era tarde demais: ia casar-se e viver no estrangeiro. Não poderia ser ele.

Foi então que, ao invés de me lamentar e suspirar, decidi mudar de atitude com a vida. O meu luto já tinha durado demasiado, tinha de sair, divertir-me, fazer novos amigos... por duas semanas, passei a ir com Júlia a um bar perto de casa. Tinha um ambiente familiar, convidativo, mas mesmo assim não me sentia à vontade. “Esta não sou eu”, pensava. Não seria decerto assim que iria encontrar o que procurava. Estava quase a desistir quando, na última noite que lá fomos, a Júlia dirigiu-se-me com uma pergunta um tanto estranha.

- Sara, reparaste bem naquele homem? Aquele, ali sentado ao canto? Espera; não olhes agora, ele está virado para nós.

Realmente não tinha olhado para o local que ela me indicava. A um breve sinal dela, muito discretamente, virei-me para lá e...

- Oh! Mas parece... Sim, é ele, sem dúvida. Um pouco mais bronzeado, moreno, mas é com certeza o Luís David!

- Eu sabia,- respondeu-me ela- apesar de só o ter visto uma vez, nunca esqueço uma cara. Mas se é ele, deixa-me dizer-te uma coisa, que acho precisas saber. Ele está à cerca de duas horas, sem sair dali, embasbacado, olhar para cá. E não é de hoje, isso também já reparai. Já algum tempo tinha reparado que, não muito depois de começar-mos a vir aqui, ele aparece, e senta-se ali, a olhar para ti. Sinceramente, diz-me, Sara. Tiveste alguma coisa com ele? Seria a única explicação. Ou então é algum maniaco ou tarado.

Esta revelação deixou-me, no mínimo, boquiaberta. Que razão teria ele, se já me conhecia e até nos dávamos bem, para comportar-se daquele modo? Porque se não me dirigia, ao invés de limitar-se a olhar? Não fiquei nada sossegada com esta atitude, e decidi solenemente não voltar àquele sítio. Promessa cumprida. Aquela fora a última noite que fui ao Coconut ou a qualquer outro bar semelhante.

Passei então a sair mais de dia. Sozinha, nas horas de almoço, à saída do trabalho, sempre que não tinha pacientes... Era extremamente fácil encontrarem-me a deambular pela cidade. Os parques, jardins mais próximos já não apresentavam quaisquer segredos, e aos poucos aventurava-me para mais longe. Um dia, após o trabalho, decidi entrar no metropolitano, para conhecer um palácio mais deslocado que, diziam, tinha um dos melhores jardins da região.

Nunca gostei de transportes públicos, e evito-os sempre que posso, mas o meu automóvel estava avariado, e o metropolitano tinha sido inaugurado recentemente... Decidi experimentar, mas nesse dia encontrava-se particularmente apinhado de pessoas. Atropelos, encontrões, pisadelas... De repente, quando me consegui libertar da massa de pessoas que me apertava e me dirigia para a saída, com um puxão, um indivíduo tira-me mala. Atarantada, não consegui reagir, pelo contrário: o empurrão tinha me desequilibrado e eu baloiçava agora instavelmente para os carris.

Quando pensei que não tinha solução, e ia mesmo cair, sinto uma mão que me agarrava o braço e me puxava. Não me tinha ainda recomposto do susto, quando esta pessoa me largou bruscamente o braço e desatou a correr em direcção à saída sem que lhe desse tempo de agradecer.

Não que eu soubesse a quem agradecer, pois não tinha visto o meu benfeitor; não sabia nem sequer o que pensar numa altura daquelas. Soube-o, no entanto, um pouco depois, quando Luís David Ferreira surgiu de novo diante de mim, trazendo consigo a minha mala.

- Estás melhor, Sara? – perguntou ao aproximar-se.

Nem vou tentar explicar o que pensei quando o vi. Nas minhas ideias reinava um autêntico turbilhão, e os pensamentos estavam ainda completamente desordenados. Mas o pouco sangue que ainda corria nas minhas veias permitiu-me responder.

- Penso que te devo agradecer eternamente, David. Acabaste de me salvar a vida. – peguei na mala que ele me estendia. – E ainda conseguiste recuperar a minha mala. Como fizeste isso?

- Salvei-te porque estava no momento certo à hora certa. E agarrei aquele ladrão porque era a minha obrigação. Sou polícia, lembras-te? – respondeu ele- Além disso, ele não era mesmo nada esperto. Apanhei-o quando parou ali na saída para contar o dinheiro. Mas verifica se falta alguma coisa.

Como tinha ainda as pernas a tremer, cheguei-me a um canto para fugir da multidão e sentei-me. A um conselho dele, respirei fundo. Depois, foi comigo procurar um táxi que me levasse de regresso a casa. Acompanhou-me até à porta do edifício, e antes de se ir embora perguntou-me se eu costumava sempre caminhar sem destino. Não percebi bem o que quis dizer; mas sorri-lhe, agradecendo tudo o que tinha feito por mim naquele dia.

Este pequeno incidente não mudara os planos de evasão, e cada vez mais ansiava pelas horas de almoço para poder sair do consultório e respirar. Era rara a vez que chegava a almoçar, um snack comprado ou feito em casa satisfazia-me. Foi numa dessas fugas, talvez duas, três semanas mais tarde, que reencontrei-o.

Passeava pela primeira vez no parque desde a morte de Rodrigo, tentando imaginar quão diferente teria sido a minha vida se nada tivesse acontecido. Não me tinha apercebido da sua presença, até que uma mão me tocou levemente no ombro, fazendo-me virar, não assustada, mas sim curiosa.

“ Boa tarde, Sara. Como vais? “ Que haveria eu de responder? Ficara deveras satisfeita de o rever, passada toda a confusão. Pelo que entendi, ele também. E foi com menos surpresa do que prazer com que agradeci e aceitei o seu convite para almoçar.

II

Não digo que este convite não me surpreendesse. No entanto, surpreendera-me mais a prontidão com que o aceitei, sem pensar nas consequências que a minha resposta positiva podiam trazer. Fomos a um restaurante típico, pequeno, mas bastante acolhedor. Após sentarmo-nos, ele perguntou-me como estavam a correr-me as coisas.

- Após tantos meses, acredita que estou bastante melhor. Mais receptiva, calma, até mesmo serena. Há custa de bastante esforço, mas consegui. Regressei em pleno à minha vida normal.

À sua pergunta seguinte, respondi com um sorriso.

- Não, nem tenciono. - eis uma frase verdadeiramente comum e inocente, que nada nos revela. Sem dúvida que o conteúdo da pergunta seria bastante mais interessante e revelador. Perguntara se já deixara o meu coração ser conquistado novamente. E com um sorriso rasgado, ouvira a minha resposta.

Luis David é difícil de descrever. Vou tentar fazê-lo, para que o leitor tenha uma imagem mais ou menos nítida do homem que se encontrava agora diante de mim.

Bastante alto, moreno, estaria de folga, a julgar pelo ar descontraído e pela roupa que vestia. Estávamos em pleno mês de Julho e calor apertava, a temperaturas difíceis de suportar. Camisa, gravata, blazer, tinham sido substituídos por uma camisa colorida e calças de ganga, dando-lhe um aspecto bem mais jovial. Olhei bem para ele, para os seus olhos. Grandes, expressivos, de um verde acastanhado, que faziam lembrar... O que faziam lembrar? Os cabelos escuros, curtos e naturalmente ondulados, deixavam-lhe na fronte algumas madeixas de cor clareada pelo sol. O nariz não tinha uma curva que o desfavorecesse, e os lábios, eram um tanto grossos e encrespados num sorriso, entre o irónico e o afectuoso.

Podia ser considerado bonito. Mas que diferença existente entre ele e o falecido Rodrigo! Rodrigo sempre fora muito bonito, mas de uma beleza diferente, muito suave. Rodrigo tinha vinte e cinco anos e uma confiança controlada e de boas maneiras. Havia nele um certo ar de prosperidade, temperado pelo desejo do sucesso. Feições serenas, ligeiramente fleumáticas, cabelo louro escuro, penteado para trás, e a ligeira implantação da boca gravavam-lhe finas rugas na face. Os olhos pequeninos, cor de noz, semicerravam-se quando ele falava, como se quisesse passar despercebido, mas enrugavam-se também num sorriso completamente cativante.

O que me atraiu nos dois? A serenidade. Plácida em Rodrigo, exultante em Luis David.

O almoço prolongaria-se pela tarde dentro se, ao olhar não me tivesse dado conta que estava atrasadíssima. Agradei-lhe o almoço, desejei-lhe um bom dia e saí do restaurante quase a correr.

Talvez tivesse ficado tudo por aqui, se não fosse ele telefonar-me nessa mesma noite, agora sem apresentar qualquer tipo de desculpa.

- Como conseguiste o meu número?- perguntei, ao perceber de quem se tratava. Mas nesse mesmo instante, apercebi-me da falta de necessidade da pergunta. "Que estúpida!", pensei. Ele é polícia, consegue saber tudo...

Esta fora o meu primeiro disparate na nossa conversa. Infelizmente, o segundo foi ainda menos feliz.

- Tens alguma razão especial para ter telefonado assim de repente?- novamente a minha mente insultava-se a si mesma, ou talvez (quem sabe?) ao meu estovado coração.

- Preciso de uma razão especial?- foi a sua resposta. Imaginei a sua expressão ao dizê-lo. O sorriso entre o trocista e o afectivo com que brindava cada ocasião, parecia desenhar-se diante dos meus olhos.

Decidi então enveredar pelo caminho correcto de uma conversa minimamente normal. Perguntei-lhe se a razão do telefonema repentino, se devia a ter surgido algum problema na investigação da morte de Rodrigo. Devo tê-lo apanhado de surpresa: a princípio, com uma timidez ou introversão notórias, balbuciou algumas desculpas. Mas ao verificar que não tinha uma única desculpa plausível, resolveu confessar. Mais directo não poderia ter sido.

- Preciso de a ver novamente. Podemos almoçar amanhã no mesmo restaurante?

Um pouco apanhada de surpresa, foi a minha vez de gaguejar algumas palavras sem nexos. E novamente a minha mente foi traída por algo mais poderoso que insistia tomar conta de mim. Sim!, foi a minha resposta.

Esperei ansiosa tal encontro. Por mais de uma vez perguntara-me a razão dum procedimento tão fora do comum, a qual expliquei por falta de companhia- a eterna solidão. Afirmei já, a minha necessidade de alguém que me compreendesse e apoiasse. Teria surgido tal pessoa? Imaginava poder vir a considerá-lo mais que um amigo, pois amigos tinha já muitos. Não, precisava de um confidente. Uma daquelas pessoas a quem oferecemos o coração não para amar e ser amado, mas para desanuviar as nossas tristezas e mágoas, ou partilhar sonhos e vitórias.

Imaginava que Luís David fosse uma daquelas pessoas que tudo ouvem e nada pedem em troca. Foi com essa intenção que me encontrei com ele novamente. Eu tentava com isto apagar alguns fantasmas que surgiam do passado para assombrar a minha vida. Talvez estivesse a ser egoísta, pois só me lembrava dos meus problemas e do que eu esperava de Luís David. Esse é um dos meus maiores defeitos, quando esqueço de tudo o resto e lembro somente os meus dramas e as minhas mágoas.

Pouco passava do meio-dia quando me dirigi ao “Segredo”. Era um restaurante na Baixa, pequenino, acolhedor, e onde fomos excelentemente bem servidos. Quando cheguei, já Luís David se encontrava sentado. Esperava vê-lo como sempre: jovial, sorridente, alegre. As mesmas expressões de felicidade que sempre tinha visto nele.

Mas quando me acerquei da mesa, fui encontrá-lo com uma expressão bem diferente. Séria, quase carrancuda, mas sobretudo entristecida. Nos olhos, uma tristeza imensa e olheiras tão pronunciadas de quem pouco tinha descansado. Sem saber o que fazer ou dizer, sentei-me em silêncio. Foi ele quem primeiro falou.

- Boa tarde, Sara. Obrigado por teres aceite o meu convite tão prontamente.

- Aconteceu alguma coisa?- respondi- Pareces muito abatido.

Não sei, ainda hoje, o que lhe devia ter dito numa ocasião como esta. Perguntar-lhe o que sucedera, esperar que fosse ele a revelar, ou simplesmente ignorar tudo e mudar de assunto? Ele próprio resolveu-me o dilema. Para tal, foi muito directo, mais não poderia ter sido.

Com o que me disse então, Luís David conseguiu tocar-me profundamente. Não só já existia uma profunda afinidade entre nós, como me via retratada nas suas palavras. Podia repetir tudo o que me disse, mas isso seria submeter o leitor a uma repetição dos meus próprios pensamentos. Eu procurava nele um refúgio, alguém que me pudesse ouvir, compreender e até aconselhar, e fora essa a razão pela qual eu me resolvera a ir ao seu encontro. E no entanto, naquele restaurante, naquela mesa, naquele local, tudo isto parecia já não fazer sentido. Porque ele, Luís David, necessitava exactamente do mesmo. Ai ele acabou por me contar a sua história, ou, pelo menos, uma delas. Eu escutava-o, comovida, enquanto pensava existirem no mundo pessoas bem mais sofridas do que eu.

Luís David contou-me pois que fora casado, durante cerca de três anos. Conhecera-a ainda na faculdade, apaixonara-se por ela e depois de alguns anos de namoro, casaram. Ela era linda, dissera. Olhos verdes expressivos, que emolduravam um rosto de seda ladeado por caracóis ruivos. Só pelo como se referia a ela podíamos compreender como a amava. Inexplicavelmente, à alguns meses atrás, pedira-lhe o divórcio. Fora o descalabro total, já que Luís David nunca tinha desconfiado que se passava nada de estranho. Pelo que percebi, o divórcio tinha saído um pouco antes de eu o ter conhecido. E ele nunca desconfiara de nada, nem que a mulher o deixara de amar à algum tempo e que algo de mais sério se passava.

- À algum tempo, pouco mais de um mês, ouvi algo que me deixou bastante chocado. Ela decidiu-se a oficializar uma relação antiga, com um antigo colega nosso da faculdade, e agora decidiram casar. Acreditas que isto seja possível? Não, nunca conseguirias entender.

Nesse ponto ele tinha razão. Eu não conseguiria perceber o que era ser enganada e trocada por outra após um casamento supostamente feliz. Por alguns instantes, veio-me à cabeça a ideia de que pudesse estar a mentir. Mas porquê o faria? O que ganharia ao humilhar-se daquela forma diante de mim, uma pessoa que mal conhecia?

- Ontem, soube-o por um amigo, foi o desenlace final. Casaram e partiram em lua de mel. - suspirou após estas palavras e olhou-me nos olhos - Já não a amo, pois à algum tempo que o meu amor foi destruído. Mas saber que se casaram, lembrou-me a traição. Que fui enganado, apunhalado, senti cá dentro uma tristeza, raiva, um sentimento terrífico mas real. Compreendes-me?

Será que o compreendia? Nunca fora traída e enganada. Rodrigo amou-me muito e sempre fez questão de o demonstrar. E eu também o amei demais. Mas o tempo cura tudo, dizem. E com o tempo, o amor que não é constantemente regado com a presença do ser amado, não vive só de

recordações e vai-se desvanecendo até nada mais restar que um ténue mas agradável lembrança do quanto nos queríamos um ao outro.

- Desculpa estar a desabafar contigo, - disse Luís David mais uma vez - mas é a primeira vez que encontro alguém disposto a ouvir-me. Quero pedir-te perdão de uma coisa, que julgo nem sequer sabes. Há algum tempo, por acaso, vim a saber que frequentavas um bar de quem eu conheço o dono. E por diversos dias, eu ia lá e observava-te. Nunca dizia nada porque estavas acompanhada, e não tinha coragem de me dirigir às duas. Espero que me perdoes, sei que não fui correcto. Sei que tenho muitos amigos, mas nenhum deles pode me dar aquilo que preciso... Esperava contar contigo para poderes ser minha amiga.

- David, fico muito honrada com a confiança de que depositas em mim. Podes ter a certeza de que a partir de hoje consideras-te- ei um bom amigo. E como bons amigos necessitam de se ajudar e animar, quero convidar-te para sair.

Pareceu um pouco indeciso, mas aceitou.

- Obrigado, Sara. Quando?

- Que fazes hoje à tarde?

- Tenho de trabalhar. Tenho estado de férias, mas amanhã regresso ao trabalho e hoje vou falar com o Inspector.

- É pena,- respondi. - convidava-te para a sessão da tarde do cinema, mas assim não vai dar.

- Podemos sair amanhã à noite... Que tal jantar e cinema, por minha conta?

Foi a minha vez de estar indecisa. Este era já um convite um pouco diferente daquilo que costumo fazer quando quero levantar o moral a alguém.

- Se não achas boa ideia, podemos adiar. - respondeu ao notar a minha indecisão. - Não quero que faças nada obrigada.

- Não, tudo bem, eu vou.- Tinha tomado a minha decisão naquele momento e iria até ao fim. - Vou gostar muito, David.

O almoço tinha acabado. Combinámos que ele buscar-me-ia em casa no dia seguinte, mas tudo o resto permanecia em segredo para mim.

"Mas vais gostar, garanto-te.", afirmou.

III

Ele tinha razão. Chegara a minha casa por volta das sete da noite e vinha extremamente elegante. Eu também tinha colocado um dos meus melhores vestidos, e em breve nos deslocámos para o restaurante. Este era elegante, mas não demasiado chique ou cerimonioso, suficientemente elegante para sermos servidos na perfeição.

Luís David era um óptimo companheiro: encontrei-o novamente com aquele seu sorriso característico que eu adorava nele. Depois de um óptimo jantar, fomos ver a versão romântica, mas trágica, de um acontecimento real e que transformava o filme num clássico do cinema e êxito de bilheteira. Mais de duas horas de emoção e comoção, que só aguentei firme porque o via também comovido. Numa das cenas mais tristes, pareceu-me sentir a sua mão apertar a minha muito suavemente, como para ganhar força ou coragem para algo.

Foi uma noite inesquecível; à muito tempo que eu não me sentia tão bem. Depois do cinema, fomos a um bar beber alguma coisa e conversar um pouco.

- Diverti-me muito esta noite- disse-lhe ao fechar a porta do carro, já em frente a minha casa. - Só espero que ela tenha servido para que te sintas melhor contigo próprio.

- Sem dúvida, Sara. Consegues fazer milagres.

Nessa noite dormi imenso, e acordei bastante mais tarde do que o usual. Não fui trabalhar no dia seguinte, e peguei no carro para seguir até Ancede, pois tinha resolvido visitar a minha mãe e Isabel, para fazer os preparativos da viagem que fariamos juntas. Dentro de um mês, iríamos para a Noruega, assistir ao casamento de Carlos e Cecília.

Durante quase três dias nada mais soube dele, e começava-me a questionar sobre como estaria, até que no Sábado telefonou para fazer-me um convite.

- Gostas de pintura?- perguntou- Um amigo meu possui uma galeria de arte, que abriu à pouco uma exposição com alguns quadros de pintores reconhecidos. Ofereceu-me dois convites e lembrei-me de te perguntar...

Pintura não é o meu forte, mas gostava do trabalho de alguns pintores. Como uma oportunidade destas não se deve desperdiçar, não hesitei em aceitar. Foi buscar-me novamente a casa no Domingo, e dali partimos para a galeria. Mas a sua fisionomia sofrera novamente alterações. Luís David apresentava com uma expressão mais séria e carrancuda que nunca. E durante toda a tarde considerei todo o seu comportamento como sendo bastante censurável.

O amigo, Roberto, acompanhou-nos toda a tarde, mostrando as mais diversas obras, algumas de pintores conhecidos, ou outros que nunca tinha ouvido falar. Vou ser sincera: por muito sentido que a pintura abstracta faça para muitos, sendo ou não entendedores, para mim não passam de linhas e formas sem sentido. Gostei por isso mais de ver os diversos desenhos de carvão dum novato que tentava a sua sorte do que os rabiscos de um conceituado que não me diziam nada. Gosto sobretudo de quadros que apresentem bonitas paisagens, sobretudo de pintores impressionistas como Monet ou Pissaro. Mas o meu preferido é um pintor impressionista francês, não muito conhecido, mas cuja obra me apaixonou logo que a vi: Claude Lorrain.

Luís David não apreciava pintura, com certeza, e mostrava-se bastante irritante. Quase não ouvia os comentários e explicações do amigo, e parecia cada vez mais que pensava numa outra coisa, ou que não desejava estar ali. Nenhum quadro o cativou, e demonstrava cada vez mais impaciência cada vez que me demorava diante de um.

Fiquei bastante aborrecida com a sua atitude e, quando me levou a casa, não hesitei em sublinhar que, se não desejava a minha companhia, não a devia ter procurado. Foi então que pareceu cair em si, e desfez-se em desculpas. Pediu-me que o perdoasse, que não ligasse ao seu mau humor causado por problemas pessoais, que adorava a minha companhia, e que gostaria imenso de sair comigo novamente. Não sei, ainda hoje, se fiz bem em perdoá-lo tão prontamente. Mas ninguém é perfeito, todos dizem, e até o melhor dos homens tem o direito de cometer alguns erros.

Mas a uma coisa estava decidida, que era a não lhe telefonar nem o procurar. "Ele sabe o meu número", pensei, "pode telefonar se quiser." A verdade é que me telefonou diversas vezes durante a semana. Dizia que precisava me ver, e na Quarta-feira seguinte, quando telefonou, convidou-me para jantar na Sexta-feira. Não lhe respondi logo; não tinha esquecido o nosso último encontro, e pedi-lhe algum tempo para pensar.

Claro que na altura a minha decisão já estava tomada- ele pedira perdão e eu não sou rancorosa. Mas gostava de saber que ele sofreria um pouco mais sem saber a resposta. E não aguentou por mais por ela, ou não queria ou não podia. Durante a manhã de Quinta-feira, fui

interrompida no meu emprego por um jovem que desejava falar comigo com urgência. Pelo menos, foi isso que Mariana me tinha dito. Claro que bastou-me um único olhar para descobrir que o jovem era ele e que a urgência consistia em saber a minha resposta. Como esta foi positiva, de seguida avisou-me para ir elegante: íamos jantar a um restaurante bastante conceituado e fino.

Fiquei logo ansiosa que essa noite chegasse. Queria arranjar um vestido à altura do acontecimento, mas olhando e revirando o meu guarda-roupa nada encontrei. Falei com Júlia para pedir um conselho e ela, ao ver a pobreza das minhas roupas, decidiu emprestar-me um sofisticado vestido que comprara havia pouco tempo. Foi também ela quem me penteou, assim como maquilhou, tudo com o toque de quem é profissional.

Quando Luís David chegou, vinha também ele extremamente elegante. Apresentava um sofisticado “blazer” com gravata, e até as suas atitudes e gestos tinham melhorado em elegância. Quando lhe perguntei onde iríamos, respondeu sorridente- “Vou apresentar-te aos meus amigos.” Não percebi logo o que quis dizer, até que ao entrar no restaurante (que de facto era um dos mais frequentados da cidade), estranhei ver tantas algumas caras conhecidas. Raimundo Aragão, o

Inspector- chefe António Marinho, etc., encontravam-se já lá, com as respectivas esposas. Pensava que todos tinham decidido juntar-se, quem sabe uma reunião de amigos? Até que tudo se explicou, quando vi ao fundo da sala uma faixa branca, com letras que diziam “Festa Anual da Polícia”.

Fiquei surpresa, sem dúvida. Como poderia eu ter imaginado que o convite que ele fizera (e que eu fantasiara tratar-se de um jantar íntimo a sós), não passava de uma festa de confraternização da polícia?

Mas apesar disso, estava bastante contente. Eram várias caras que revia passados tantos meses, e diante das quais me encontrava agora numa situação bem diferente. Não me iria indispor, muito pelo contrário, pois estava mais alegre e divertida; e até Luís David, entre colegas e amigos, estava mais bem humorado do que alguma vez estivera. Podia até mesmo ser considerado o bobo ou o jocker, que animava sempre tudo e todos, independentemente do seu estado de espírito. Nunca vira tanta galhofa e divertimento como os que apresentavam os seus companheiros, e ele era o grande causador de tal.

E enquanto o observava assim, sorridente, afável, sentia que algo me estava a consumir por dentro, no coração. Não conseguia definir o que era, nem mesmo á quanto tempo o sentia. Sabia somente que começara a pensar nele com o maior carinho. Ou talvez mais que isso, mas como saber? No entanto, carinho parece-me ser uma palavra ao mesmo tempo demasiado insignificante e abrangente para definir um sentimento. Seria então Amor ? Paixão? Tinha-me apaixonado uma vez, mas fora completamente diferente de agora. Simplesmente não sei como explicar. Ou talvez saiba. Há algum tempo que deixei de o encarar com os olhos de uma amiga, mas sim de uma amante.

O que sentiria ele? Não sei, não conseguia perceber se ele gostava de mim da mesma maneira que eu gostava dele. Ele nunca se abria comigo, nunca conseguíamos falar abertamente acerca dos nossos sentimentos mútuos. Mas uma coisa uma mulher percebe (a maior parte das vezes), que é perceber quando se sente desejada. Desde à algum tempo que tenho vindo anotar uma ligeira predileção por mim, um doce maneira de tudo fazer só para me agradar, um modo diferente de me olhar. Por vezes, quando estamos juntos, quando eu menos espero encontro-o com uns olhos brilhantes e enigmáticos a olhar fixamente para mim. Nessas alturas, sinto-me amada. E quero dar amor em troca.

Penso agora em Rodrigo muito vagamente. Foi uma página na minha vida que passou, em que fui imensamente feliz. Como poderia vir a ser novamente, se David realmente o quisesse. Observei-o atentamente nessa noite; a sua jovialidade, a sua alegria, a sua procura intensa de companhia e amigos! Nos momentos em que não estávamos juntos, aproveitei para falar com alguns dos seus colegas. Queria e necessitava de saber mais coisas sobre ele, sobretudo, se sempre era a pessoa fantástica com a qual eu já o tinha catalogado.

Foi assim que soube que David é acarinhado por toda a esquadra. Talvez por ser o mais novo e o mais simpático, aquele que mais paciência tem para lidar com as pessoas, é conhecido carinhosamente pela “mascote” de todos os colegas. Via assim as minhas expectativas confirmadas plenamente. Plenamente, não. Apenas uma opinião divergia das restantes. A de António Nobre, um colega que entrara para a esquadra na mesma altura e que apenas possuía mais um ano que este. Somente a aponto aqui (apesar de lhe dar pouco ou nenhum crédito: a inveja talvez estivesse a falar mais alto) por ser diferente. Esta personagem afirmava que David era dissimulado e que era uma pessoas que, com o seu bom humor e disposição, fazia com que todos o apreciassem. Que ele tinha esta característica eu posso garantir, foi ela que me levou a aproximar-me. Mas ele continuava: dizia que os defeitos a nível de trabalho e até mesmo carácter

que David apresentava eram apenas visíveis a alguém quase da mesma idade e não a outros companheiros que necessitavam do convívio e disposição que uma pessoa como ele proporcionava. Mas ao olhar com atenção para os dois, imaginei ambas as situações. Tudo na expressão do meu interlocutor demonstrava um certo desprezo e inveja por David, talvez motivada pela falta de sucesso que dispunha na esquadra; todos o consideravam arrogante, antipático e intriguista.

Não me foi, por isso, difícil acreditar no *meu* David. A minha opinião estava formada; penso que o leitor já a conheça. Esta foi, desde o início, uma noite diferente, mas que me permitiu ver a vida (e em especial uma pessoa) com outros olhos. E uma nova porta se abriu, a da felicidade.

No fim dessa noite, estávamos ambos bastante alegres. David trazia consigo as medalhas de *Polícia mais Simpático e Borrachinho do Ano*, votada por todas as mulheres da esquadra. Teria que me pôr em casa, e quando chegámos junto ao prédio, convidei-o para subir. Para beber um copo, disse-lhe. O sorriso com que me brindou foi inesquecível- radiante, luminoso; os olhos brilhavam como nunca lhe tinha visto. Fiquei rendida.

Subimos o elevador a rir: tinha-mos ambos bebido um pouco demais. Por muito boa que a anedota que ele contara fosse, arriscava-me a ser expulsa do prédio se acordasse os meus vizinhos. Após ter aberto a porta do meu pequeno apartamento, e ter subido para a soleira, David puxou-me por um braço.

- Sara... Espero que tenhas percebido o quanto eu te adoro.

Não me deu tempo para pensar, raciocinar ou sequer sentir algo: beijou-me ali mesmo à entrada, um beijo longo, apaixonado. Puxei-o comigo para dentro de casa, sem o largar.

Finalmente chegara o nosso momento.

Epílogo

O que nos traz de volta ao tempo presente, ou quase. A festa comemorativa dos 100 anos da Polícia Metropolitana foi ontem á noite, e hoje de manhã acordei com o David a meu lado. Escusado dizer o quanto acordei feliz. Penso ainda no que aconteceu: como, em tão pouco tempo e provenientes de experiências amorosas tão traumáticas como as nossas, é possível amarmo-nos tanto. David despediu-se de mim hoje com um sorriso e um beijo prolongado. Mesmo no consultório, todo o dia pensei na noite passada. Não a vou descrever, claro. Aliás, esta história está prestes a finalizar. Tenciono acabá-la quando David regressar. Telefonou-me à pouco, e disse que dentro de uma semana vai fazer uma viagem breve, de trabalho, a Paris. Demora dois ou três dias, no máximo. Irei decerto sentir imensas saudades, por mais breve que seja a nossa separação. Lembrei-lhe que podia acompanhá-lo, já fui uma vez a Paris e sei que é uma cidade maravilhosa, especialmente para dois enamorados. Poderia ser até uma viagem de lua de mel. Mas ele é bem mais realista que eu. Chamou-me “tontinha” e afirmou que apenas irá ter tempo para trabalhar. Sei que por vezes sonho demais, e faço demasiados castelos de areia. Que se desfazem... no ar. Mas o hoje passou. E o amanhã...

O amanhã também passou. Seguido do depois, do depois, o depois do depois... Passaram quase cinco dias desde a última vez em que vi David. E telefonou-me somente uma vez, para avisar que tinha um caso complicado e teria de faltar ao jantar que tínhamos combinado. Era o trabalho, a viagem que tinha de fazer, e agora um problema que tinha para resolver. Um problema que agora também me envolvia quase directamente.

Mas como o leitor nada sabe, vou tentar explicar-me melhor. Na 6ª Feira passada (a noite que descrevi como sendo a festa), uma desgraça acontecera, da qual eu tomei conhecimento, por ele, alguns dias depois. Nada que me envolvesse, mas sim a ele, e à sua mulher, não, ex-mulher. Ela fora encontrada morta, assassinada, com o marido, recém vindos da lua de mel, no Sábado de manhã. Aparentemente tinha sido um assalto, a casa encontrava-se completamente revirada; mas a violência com que ocorrera faziam a polícia suspeitar que fosse um crime. David, como ex-marido, fora dos primeiros a ser interrogado, mas também o primeiro a ser inocentado. Afinal, passara toda a noite comigo. E ele só necessitava que o meu depoimento o confirmasse para poder seguir a sua vida em paz, sem receio que o acusassem por um crime que não cometera.

No dia seguinte, de manhã, dirigi-me á esquadra. Posso dizer sem receios que conheço os cantos à casa. A mesma sala de espera (mas histórias bem diferentes), as mesmas caras que revii ainda na semana passada...Até mesmo o Sargento Faria, que tinha sido tão indelicado comigo, parecia mais simpático. Ele não chegara a comparecer na festa, coitado; tinha sido destacado para fazer o turno dessa noite. Aparentou não se lembrar de mim, e ainda bem, pois não tenho boas recordações desse primeiro encontro. Mas desta vez não passei por nenhum por nenhum corredor que ao fundo tinha uma porta branca com uma tabuleta mórbida. Fiquei-me pelos gabinetes dos agentes para testemunhar. Quem me atendeu foi o agente Nobre, que fez questão de um inquérito cerrado ás actividades do David nessa noite. Mas nem isso lhe podia fazer mal. David não podia ter melhor alibi, e praticamente toda a delegacia podia testemunhar que na noite do crime ele fora a uma festa e comigo. Bastou-me a mim dizer a verdade, que saídos de lá, fôramos para minha casa e passáramos a noite juntos.

Feita a minha obrigação, coloquei-me à disposição deles e fui-me embora. Nesse dia ia encontrar-me novamente com David, que se encontrava a fazer os preparativos para a viagem a Paris. Era o nosso último encontro antes dessa viagem, e teve um duplo significado. Matar as saudades, pois não o via à algum tempo e apagar aquelas que irão vir.

Hoje soube que já tem um suspeito na morte da Maria João. Parece que o marido possuía algumas dívidas de jogo com um dos maiores criminosos da cidade... Deve ter sido um acerto de contas.

II

Ontem Luís David Ferreira partiu em viagem. Fui despedir-me dele ao aeroporto, desejando-lhe uma excelente viagem e que voltasse depressa. Volto o mais depressa que puder, garantiu-me. E prometeu telefonar logo que chegasse ao hotel.

Eu vinha extremamente triste no caminho de regresso a casa. Mas no meu apartamento uma surpresa ainda maior me esperava. Quase a tremer, verifiquei que tinham arrombado a fechadura da porta e que esta ainda se encontrava entreaberta. Aflita, pensei em fugir e procurar socorro na rua. Mas num ápice, lembrei-me que fora pela minha cobardia no parque que Rodrigo morrera. Afinal, aquela ainda era a minha casa. E suspirei mais aliviada quando entrei e vi que não havia nada de anormal. Nada tinha sido mexido ou revirado, nem mesmo roubado. Quem sabe, podia ter sido eu a esquecer-me da porta aberta? Dirigi-me então ao quarto para mudar-me; mas ao abrir a porta da casa de banho, encontro lá um homem. Mal lhe dei tempo para puxar as calças e já ele me apontava uma enorme faca. Sem pinga de sangue, fui obrigada a fazer e a ouvir o que ele dizia.

- Então é você a Sara ... Muito bem, aqui estou. Pode dizer ao seu amigo que não o deixarei em paz até que me pague, e muito caro, tudo o que me deve.

Ao ouvir isto, tive de interferir, dizer que não fazia a mínima ideia do que ele estava a falar.

- Não se faça de desentendida ou estúpida. Ambos sabemos qual o seu papel nisto tudo. E agora que já a conheço, fique descansada. Não a hesitarei um segundo em eliminá-la, se for necessário.

Ainda não conseguira perceber quem era este homem, apesar dele agir como se me conhecesse. O que queria ele de mim? Mas enquanto olhava para a lâmina da faca que tinha, a menos de meio metro do meu peito, pensava duas vezes antes de tentar dizer algo que o pudesse ofender. Forte, postura dura, fria e cruel, na minha frente encontrava-se a face de um assassino. Ou pelo menos a imagem que eu tenho de um desumano e sangrento assassino. E somente quando o ouvi novamente a insultar-me e a fazer mais ameaças decidi pronunciar-me novamente.

- Desculpe, senhor. - disse numa voz mais firme que amedrontada. - Repito que ainda não consegui entender quem você é ou o que quer de mim. E não estou a disfarçar, acredite em mim. Pelo menos, deve entender que nunca encontrei desconhecidos que me invadam a casa e ainda por cima me ameaçam de morte...- aos poucos, e não sei como, ia retomando o sangue frio, e penso que somente isso me permitiu acabar o que estava a dizer- Pergunto mais uma vez: quem é você, porquê entrou aqui e o que quer de mim?

- Perdão, minha senhora.- respondeu-me no tom mais sarcástico e irónico que ouvi- Não faço tenções de a matar. Pelo menos por enquanto, até que me diga onde se encontra o seu namorado.

- O quê?!- exclamei extremamente surpreendida - O meu namorado... - estas palavras soavam-me a falso quando as pronunciei- O Luís David?

- Claro que sim. - respondeu no mesmo tom rude e grosseiro- Quantos tem?

A minha expressão preocupada, confusa e agora também confusa deve ter sido providencial, pois quando falou novamente fê-lo (apenas) um pouco mais brandamente.

- Para quem tem tanto medo que alguém lhe entre em casa como eu, devia ter mais cuidado com quem convida para cá vir e deitar-se na sua cama.

E sempre no mesmo tom assustador, lá continuou o que tinha para dizer. O que contou então era fantástico (Atenção!: fantástico, no sentido de inacreditável e não de maravilhoso). Porque o que me disse, e que eu repito agora não tinha nada de maravilhoso. muito pelo contrário. Vou tentar resumir em breves palavras o que foi dito, e que consegui perceber apesar de na altura não estar com todas as minhas faculdades. A primeira coisa que me perguntou foi se tinha ficado com algum contacto de David no hotel onde se hospedava. De início não lhe queria dizer, e insisti que de nada sabia. Mas ele desconfiou, claro, frisando logo de seguida:

- Eu sei que sabe; mas para lhe dizer a verdade, ela não tem a mínima validade.

Não consegui entendê-lo, visto que parecia falar por enigmas. Mas ele salientava que eu nada conhecia de David, nem quer nunca chegara a conhecê-lo.

- Pode dizer-se que eu sou um amigo dele; - continuou- digamos que ele me tenha livrado duma enrascada ainda à pouco tempo. - E dentro daquilo que me disse então e que eu não acreditei numa palavra, saliento o nosso breve encontro na estação do metro, quando eu fora

empurrada para a linha e que este homem dizia ter sido ele o autor desse atentado e do suposto roubo da minha mala. Mas o que me chocava era que me garantisse que tudo não passasse de um plano de David para se aproximar de mim, que fora o próprio quem o conhecia e contratara para fazer o serviço.

- O quê?- eu escutava isto, indignada, mas receosa de me exprimir. Tinha me sentado numa das cadeiras da cozinha, e ele encontrava-se de pé na minha frente. Fechara a faca, mas ainda a conservava na mão e a sua constituição mesmo assim metia respeito, e eu conservava-me hirta no meu acento.

- Pensa mesmo que lhe despertou algum mínimo de interesse? Por favor! Você não é nada se comparada com a outra.

Não, leitor, eu não queria acreditar que David era, não só cínico, como totalmente desprovido de valores, moral ou até mesmo sentimentos. Não aquele homem que começara a amar e amo ainda, que tão feliz me fez! A primeira vez objecção que levantei foi o motivo- qual a razão de que David dispunha para ser assim tão cruel? Nenhuma, pensava eu.

Todas, - respondeu ele - esse digníssimo senhor necessitava urgentemente de um alibi para que não o relacionassem com outro infeliz acontecimento, até bem recente.

Ouvi isto estupefacta. David, o alibi, o crime... Se acreditasse no que me contava agora, teria de imaginar que este homem tinha sido contratado por David para acabar com aqueles que o tinham traído. Mas seria vingança somente uma razão plausível? Mesmo quando me disse que a mulher ficara com todo o dinheiro no divórcio, e só se livrando dela lucraria algo, eu não acreditava. Assim como não acreditava que David se tivesse aproximado de mim somente para não ser acusado de um crime que não cometera.

Mas na verdade, mesmo que nenhuma destas acusações fosse verdadeira, elas eram no mínimo, suspeitas. Como tudo se encaixava! E como seria possível que, não me conhecendo a mim ou ao David, este homem soubesse tanto de mim e da nossa história, com tantos pormenores? Estava confusa, muito confusa. Não fazia a mínima ideia em quem devia acreditar-se na minha mente e no meu coração, que me segredavam que tudo era mentira, ou naquele homem impiedoso, um criminoso confesso que difamava a seu belo prazer.

Seria alguma vez possível a existência de duas personalidades tão distintas dentro da mesma pessoa? Uma carinhosa, simpática, afável, outra desprezível, cruel e criminosa? Enquanto divagava por estes pensamentos, fui de novo chamada á realidade.

- Compreende agora o que lhe espera, não? Mas para dizer a verdade, nem eu sei bem o que fazer consigo. O seu namoradinho planeou tudo impecavelmente, desde a cena do crime ao seu próprio alibi, mas esqueceu-se de me avisar um pequeno pormenor, que fugiria daqui antes que me pagasse tudo o que me deve. Como vê, estou aqui pronto a receber, e se não me der o suficiente para sair do país sem problemas, não hesito 2 segundos em acabar consigo mesmo aqui.

Quando lhe respondi, não foram somente lágrimas que me escorreram dos olhos, essas tinham corrido por diversas vezes sempre que ele falava, sem que eu o pudesse evitar. Não, essas lágrimas transformaram-se num pranto desesperado. Lancei as mãos à cara e chorei. Tal qual como me tinha acontecido à alguns meses, mas agora a situação era real. Não sei quanto tempo decorreu até que ele me agarrasse as mãos e me levantasse bruscamente a cabeça, novamente apontando a faca na minha direcção.

- Vai dar-me o dinheiro ou não?

Tentei imaginar-me a sair daquela pavorosa situação. Não me imaginava a enfrentá-lo, o que estava completamente fora de questão. Mas também não conseguia perceber se, se fizesse o que queria, me deixava em paz. Nada podia tentar- o seu olhar cruel garantia que não hesitaria em matar-me num instante.

- Quanto quer? - perguntei.

- Vinte milhões de escudos. Arranje-os e depressa, pois não podemos perder tempo.

Ouvir mencionar esta quantia faria vontade de rir, se a situação não fosse grave. Nunca fui pessoas de poupanças, e não conseguiria arranjar nem metade do que me pedia.

- Não tenho assim esse dinheiro. E muito menos aqui- disse na esperança de ganhar mais algum tempo.

A resposta foi uma sarcástica e barulhenta gargalhada.

- Não me importo. Por agora, contento-me com tudo o que tenha.

Não percebi logo o que queria dizer, mas quando me disse para ir buscar a documentação do banco, pois iríamos fazer uma transferência, não queria acreditar. Em pouco tempo, viu-o transformado: alisara o cabelo, endireitara a roupa e até conseguira disfarçar a barba em desalinho. Preparava-se para ir comigo ao banco, onde tencionava desprover-me de todo e

qualquer tostão.

Seria possível que alguém fosse tão longe e arriscasse tanto por dinheiro? Não conseguia agora pensar em mais nada que não fosse o fugir daquela situação. Com esta sua decisão, uma vez na rua, eu podia tentar fugir. Porque, apesar da enorme faca, não conseguia ver nenhuma arma de fogo, o que era ótimo, pois poderia fugir bem mais tranquila.

Mas quando finalmente fiz o que me mandava, dirigi-me a uma gaveta da secretária buscar uma das minhas cadernetas e outros papéis, vi algo que, se por um lado me horrorizou, por outro me tranquilizou bastante. Dentro da gaveta, com o cano meio escondido, encontrava-se um pequeno, e ao que parecia, fácil de manusear revólver. Sob ele, um pequeno papel, assinado por Luís David.

Sara,
Sei que te fiz sofrer, mas
foi necessário.
Mas não sou totalmente
insensível: imagino que mais cedo
ou mais tarde precisarás deste
pequeno presente que deixo para ti.
Um beijo, David.

O que eu senti ao ler estas palavras? Agora que estou bem mais calma, posso dizer a verdade: mal as compreendi. Olhava somente para aquela arma, como se de uma bênção se tratasse e tentava imaginar se estaria carregada. Não tentara perceber o que David queria dizer, e o meu raciocínio, na altura praticamente inexistente, não me permitia ligar todos os factos.

O que eu imaginava agora era um modo seguro de apanhar aquela arma e empunhá-la sem que ele se apercebesse; pois via-o a caminhar na minha direcção com um ar atemorizador.

- Está a demorar demasiado tempo, menina. Espero que não esteja a imaginar algo que a faça magoar.

Se ele vê a arma, estou perdida!, pensava eu. Devo ter ficado com uma expressão horrorizada, pois via-o avançar cada vez mais depressa com um ar ameaçador. Era a altura certa de pegar na arma e apontar. Estava ali tão perto, ao alcance de uma mão e ele, a menos de dois metros de mim. Imaginei-me perdida: nunca conseguiria agarrar a arma, ele descobriria e matar-me-ia sem piedade.

Mas quando parecia o fim, tudo soava completamente desesperado, e eu, estática, não conseguia mover um músculo, fui subitamente despertada pela campainha da porta.

- Que m...?- foi o resmungo dele a perceber que tinha sido no meu apartamento. E os milionésimos de segundo que mediaram entre o soar daquele miraculoso som e o breve mas decisivo reflexo dele olhar na direcção da porta foram preciosos.

Quando se voltou de novo, eu ainda encontrava-me estática, mas numa posição bem diferente. As minhas mãos, que tentavam por tudo não tremer, seguravam aquele pequeno mas crucial revólver que eu abençoava. Ele continuava a olhar para mim com o mesmo olhar ameaçador, mas via-se que perdera grande parte da confiança. E antes que conseguisse dizer algo, a campainha soou novamente, seguida da voz de Júlia.

- Estás em casa, Sara? Abre, eu sei que estás aí.

- Entra, Júlia, a porta está aberta. - foi a minha resposta.

Quando entrou e viu a cena que se desenrolava, tinha todo o direito de ficar assustada. Mas eu, cansada, aturdida, com receios de que ele pudesse inverter a situação em seu favor, ordenei-lhe sem demora que chamasse a polícia, e pedisse ao porteiro e demais homens que encontrasse que me viessem socorrer. Nessa altura, este homem deve ter-se recriminado severamente a si próprio, já que não danificara nem sequer cortara os fios do meu telefone e foi dali mesmo que as chamadas necessárias foram efectuadas.

Não vou agora submeter o leitor a um relato pormenorizado do que aconteceu, visto que tudo acabou bem. Em menos de 2 minutos, surgiu o meu vizinho e cima e do lado, ambos homens fortes e que trataram de o amarrar e segurar a ama que a minha mão cada vez mais trémula empunhava. Pouco tempo depois, surgiram também o Inspector Marinho e o Sargento Faria, que o levaram. Assim como também eu tive de ir, Júlia e todos aqueles que me tinham ajudado. E se na esquadra o interrogatório a estes últimos fora breve, o mesmo não aconteceu comigo.

Tive de repetir vezes sem conta tudo o que aquele homem dissera, em especial tudo o que se referia a David. Ao Inspector também parecia difícil (ou mesmo impossível) de acreditar que ele tivesse feito uma coisa daquelas- partilhava a minha opinião. Queríamos ainda acreditar no jovem policial simpático, sem suspeitas, que levantava o moral e ajudava todos...

Não, David não poderia ser um assassino. Nem mesmo indirectamente. Não levava comigo o bilhete que me deixara, e sem essa importante prova o nosso coração não queria acreditar. Mas o que acontecera não podia passar despercebido; e para retirar quaisquer dúvidas, resolvemos contactar o próprio David. De início logo nos surpreendemos, as moradas que possuíamos não coincidiam. Imaginávamos que se tivesse enganado ou esquecido de dizer que mudara de hotel. Resolvemos contactar ambos, mas a resposta foi idêntica: não estava lá hospedado ninguém com aquele nome. Ainda assim o desculpámos, podia ter-se enganado no número ou decidido trocar de hotel à última hora. Mas a dúvida e a incerteza iam aumentando de intensidade, e resolvemos contactar os serviços do aeroporto.

Penso que neste momento o leitor já se terá apercebido à algum tempo que o que diziam de David era verdade. Ou, pelo menos, parte era. David não viajara no voo que nos tinha dito que iria viajar, nem sequer viajara nos muitos que partiam para Paris ou mesmo para França. Fui obrigada a render-me às evidências. Ele tinha fugido sem um aviso, uma explicação ou tenções de voltar um dia. Quando nos apercebemos disso, até mesmo o próprio Inspector ficara destroçado: nunca imaginara ser tão ingénuo. De imediato comunicou a todos os colegas e esquadras, e a partir de hoje, Luís David Ferreira tornou-se um fugitivo.

Eu fui para casa destroçada. Não só todo o dia tinha sido extremamente cansativo, como desolador. Num só dia despedira-me de um amor, fora ameaçada, humilhada e agora rejeitada. Eram cerca de onze da noite quando regresssei a casa, depois de ter caminhado sem destino parte da noite. Não imaginava o que poderia vira ainda a acontecer, cheguei a casa com um desalento enorme e uma grande mágoa no coração.

Esta manhã acordei pessimamente, se bem que não possa dizer que tenha chegado a dormir sequer. Não imagino como será a minha vida a partir de agora; dentro de uma semana viajo para a Noruega, mas não tenho a mínima disposição. Humilhada, traída, mas sobretudo enganada é como me sinto. Terei sido apenas um objecto nas mãos de alguém tão desprezível como ele? Ódio é um eufemismo para o que sinto neste momento. Comparando-o agora com o carácter franco e honesto de Rodrigo, não consigo imaginar como foi possível eu apaixonar-me por ele; e amaldiçoo duplamente a noite mais fatídica da minha vida. A que perdi um infinito amor, e conheci quem me deixou uma mágoa e desprezo indescritíveis no coração.

Penso que espero ainda uma explicação, por mais breve que seja. Preciso de saber até que ponto tudo não passara de uma farsa. Tento ainda imaginar que nem tudo fora fingido e que ele não é o ser desprezível, miserável e vil com que agora o considero. Talvez o leitor, se conseguiu aguentar as minhas desventuras até aqui, tenha a coragem de me ajudar. Releia todas as partes em que ele aparece, atente nos seus comentários, observações e atitudes, mas ignore as minhas parciais interpretações das mesmas. E tente perceber se algum dia ele terá sentido algo por mim. Será possível eu vir a descobrir se o que ele me dizia era verdade, ou se por um dia sentira algum sentimento por mim?

Mas se não me engano, terei de esperar o resto da vida por uma explicação. Só espero não ficar como as aquelas pessoas que ficam eternamente à espera que a felicidade lhes bata novamente à porta.

FIM

FICHA TÉCNICA



Edições CelArte Literature 2001
Published on the Web on 08/01/2002

“O amanhã será...(sempre longe demais)” corresponde à segunda versão do original “O amanhã ficará sempre longe demais”

Elaborada por Luisa Pinheiro

Iniciada em 1995 com a colaboração de Paula Vale

Finalizada em 8 de Maio de 1998

Vista e revista por Luisa Pinheiro,

Editada por Cel Arte em Agosto de 1998

Editada em versão condensada com o “O amanhã ficará sempre longe demais” em Outubro de 1998